

Universidade Federal do Piauí
Centro de Educação Aberta e a Distância

DIDÁTICA GERAL

Eudoxio Soares Lima Verde



Ministério da Educação - MEC
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Universidade Aberta do Piauí - UAPI
Centro de Educação Aberta e a Distância - CEAD

Didática Geral

Eudoxio Soares Lima Verde



2010

PRESIDENTE DA REPÚBLICA	<i>Luiz Inácio Lula da Silva</i>
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	<i>Fernando Haddad</i>
GOVERNADOR DO ESTADO	<i>Wilson Nunes Martins</i>
REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ	<i>Luiz de Sousa Santos Júnior</i>
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DO MEC	<i>Carlos Eduardo Bielshowsky</i>
PRESIDENTE DA CAPES	<i>Jorge Almeida Guimarães</i>
COORDENADORIA GERAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	<i>Celso Costa</i>
DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA A DISTÂNCIA DA UFPI	<i>Gildásio Guedes Fernandes</i>

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFPI	<i>Prof. Dr. Ricardo Alaggio Ribeiro (Presidente)</i>
	<i>Des. Tomaz Gomes Campelo</i>
	<i>Prof. Dr. José Renato de Araújo Sousa</i>
	<i>Profª. Drª. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz</i>
	<i>Profª. Francisca Maria Soares Mendes</i>
	<i>Profª. Iracildes Maria de Moura Fé Lima</i>
	<i>Prof. Dr. João Renór Ferreira de Carvalho</i>

COORDENAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	<i>Cleidinalva Maria Barbosa Oliveira</i>
TÉCNICA EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS	<i>Elis Rejane Silva Oliveira</i>
PROJETO GRÁFICO	<i>Samuel Falcão Silva</i>
DIAGRAMAÇÃO	<i>Samuel Falcão Silva</i>
REVISÃO	<i>Carmem Lucia Portela Santos</i>
REVISOR GRÁFICO	<i>Djanes Lemos Ferreira Gabriel</i>
	<i>Everton Oliveira de Araújo</i>

V483d Verde, Eudoxio Soares Lima

Didática Geral/ Eudoxio Soares Lima Verde - Teresina:
EDUFPI/UAPI, 2010
110 p.

ISBN: 978-85-7463-319-0

1. Didática. 2. Planejamento educacional. 3.
Pedagogia. I. Título

C.D.D. - 370.9

© 2010. Universidade Federal do Piauí - UFPI. Todos os direitos reservados.

A responsabilidade pelo conteúdo e imagens desta obra é dos autor. O conteúdo desta obra foi licenciado temporária e gratuitamente para utilização no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, através da UFPI.

O leitor se compromete a utilizar o conteúdo desta obra para aprendizado pessoal, sendo que a reprodução e distribuição ficarão limitadas ao âmbito interno dos cursos.

A citação desta obra em trabalhos acadêmicos e/ou profissionais poderá ser feita com indicação da fonte. A cópia deste obra sem autorização expressa ou com intuito de lucro constitui crime contra a propriedade intelectual, com sanções previstas no Código Penal.

A

apresentação

Este é o material de estudo da disciplina Didática Geral, do curso de Licenciatura em Pedagogia que está sendo realizado pela Universidade Federal do Piauí, na modalidade a distância.

A apostila está dividida em quatro unidades de ensino, cada uma com seus respectivos conteúdos programáticos, que são apresentados sobre forma de textos de leitura, com atividades, indicação de leituras para enriquecimento e as obras que serviram de subsídios para a elaboração desta apostila, bem como uma bibliografia complementar que poderá ser consultada, conforme a necessidade do cursista.

A carga horária da disciplina é de 60 horas, e será desenvolvida no prazo máximo de 60 dias.

Constituem essa apostila as seguintes unidades de ensino:

Unidade I – Fundamentos Epistemológicos da Ação Didática;

Unidade II – Didática – Epistemologia e Histórico;

Unidade III – Planejamento Educacional;

Unidade IV – O Processo de Organização do Trabalho Docente.

UMA PALAVRA AOS CURSISTAS

Caro(a) cursista,

Bem-vindo(a) à disciplina Didática Geral.

Esta é a nossa “apostila”, material elaborado com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de seus estudos e para a ampliação de seus conhecimentos acerca da citada disciplina.

Esta disciplina tem como objetivos:

- Analisar os fundamentos teóricos – epistemológicos e metodológicos viabilizadores de uma prática docente tecnicamente competente e politicamente responsável;
- Discutir a viabilização das dimensões técnica, humana, política e ética na disciplina Didática para a formação docente do professor;
- Vivenciar criticamente situações teóricas e práticas relativas ao fazer pedagógico.

A carga horária é de 60 (sessenta) horas e durante esse tempo estaremos interagindo por meio do Ambiente Colaborativo de Aprendizagem, no qual você encontrará todas as orientações sobre as atividades relativas à Didática.

Nesta apostila serão abordados os seguintes temas: fundamentos epistemológicos da ação Didática; a Didática e a formação de professores; planejamento didático e a organização do trabalho docente.

No desenvolvimento da disciplina serão realizados estudos a distância e estudos presenciais. Os encontros presenciais serão realizados no final do módulo e irão permitir também momentos culturais de socialização entre os estudantes, professor e tutor.

O estudo a distância será realizado por você por meio de leituras individuais, pela participação nos fóruns, chats, realização de atividades, exercícios e enquetes, interagindo com o sistema de acompanhamento no ambiente virtual. Neste ambiente, o estudante receberá retorno individualizado sobre seu desempenho, bem como orientações e trocas de informações complementares relativas aos conteúdos abordados nas atividades desenvolvidas, principalmente aquelas que tenham sido respondidas de forma incorreta, proporcionando novas elaborações

e encaminhamentos da avaliação. Este acompanhamento dar-se-á de forma direta pelo professor da disciplina e pelo tutor da turma.

Todas as atividades estarão previstas no cronograma e apresentadas ao estudante no final de cada unidade de ensino. Nestas atividades estão previstas as instruções, questões propostas, estudo de aprofundamento e referências bibliográficas.

A sua avaliação versará sobre os assuntos abordados na disciplina, conforme estabelecidas no cronograma da mesma. Procure remetê-las nas datas previstas; elas serão analisadas e, caso necessário, refeitas sob orientação.

Você terá aproximadamente 02 (dois) meses para realizar as atividades contidas na apostila e para o desenvolvimento das mesmas, portanto, organize bem o seu tempo.

Esperamos que você aproveite, ao máximo, os temas abordados nesta disciplina.

Um bom trabalho!

Eudoxio Soares Lima Verde
Professor



S

umário

11

UNIDADE 1

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA AÇÃO DOCENTE

O que é Educação	13
A Educação Escolar	15
A Educação e a LDB 9394/1996	15
O Ensino-Aprendizagem	16
A Pedagogia e as Tendências Pedagógicas e o Papel da Didática	18

27

UNIDADE 2

DIDÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Didática: um pouco de história	29
O que é Didática	31
Conceitos de Didática	32
O Papel da Didática na Formação de Professores	35
Competência Profissional e suas Dimensões	39

49

UNIDADE 3

PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Níveis de Planejamento Educacional	51
--	----

UNIDADE 4

PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

O Planejamento de Ensino e sua Importância na Organização do Trabalho Docente	69
Objetivos Educacionais	75
Conteúdos Curriculares.....	81
Procedimentos de Ensino	83

UNIDADE 01

**Fundamentos Epistemológicos
da Ação Docente**



1

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA AÇÃO DOCENTE

Nesta primeira unidade de ensino da nossa disciplina iremos estudar: o que é educação e educação escolar; a educação na LDB 9394/96; as concepções de ensino e aprendizagem; as tendências pedagógicas manifestadas na prática educativa dos professores e o papel da Didática em cada uma dessas tendências.

O QUE É EDUCAÇÃO

Etimologicamente, a palavra educação vem do latim “educére”, que significa extrair, tirar, desenvolver.

É, essencialmente, o processo de desenvolvimento e formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, intelectuais, morais e espirituais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão (...), mas abrange o homem integral(...) em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la (Ávila, 1982, p.215).

Na opinião de Ferreira (1995), educação é o ato ou efeito de educar-se; desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral

da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social.



José Carlos Libâneo é Doutor em Filosofia e História da Educação pela PUC de São Paulo. É professor da PUC/GO. Produziu os seguintes livros:

- Aceleração Escolar: estudos sobre educação de adolescentes e adultos. Goiânia: ed. do Autor, 1976.

- Democratização da escola pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Cortez, 1985.

- Didática. São Paulo: Cortez, 1991.

- Adeus professor, adeus professores? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

- Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1988.

Fonte: Google Imagens

Conforme podemos observar nos conceitos citados anteriormente, a palavra educação refere-se à formação do homem em toda a sua plenitude, tanto no sentido social como no sentido individual.

No sentido social, a educação é a ação pela qual a sociedade adulta transmite o seu patrimônio cultural e suas experiências, através do conjunto de conhecimentos, normas e valores, crenças, usos e costumes às gerações mais novas, garantindo sua continuidade histórica. “Neste sentido, o tema educação tem sua origem no verbo latim educare, que significa alimentar, criar. Esse verbo expressa, portanto, a ideia de que a educação é algo externo, concedido a alguém” (HAYDT, 2006, p.11).

No sentido individual, a palavra educação refere-se ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada indivíduo, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade.

Libâneo (1992), ao comentar sobre esse termo, esclarece que Educação é um conceito amplo, que se refere ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas (físicas, morais, intelectuais, estéticas), considerando a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. A educação corresponde, então, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. Assim, segundo este autor, a educação é instituição social, produto e processo. Enquanto produto é o resultado do trabalho pedagógico, e enquanto processo, pode ocorrer de várias maneiras. As mais comuns acontecem de forma não intencional, mesmo quando sob influência de instituições, tais como: clubes, igrejas, sindicatos, entre outras. Já a educação formal acontece de forma intencional, sistematizada, num ambiente escolar, instituição social convencional, de forma a atingir a plena formação humana.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Definimos inicialmente a educação de uma maneira geral. E o que vem a ser a educação escolar?

A educação em geral – e a educação escolar em particular – pode ser compreendida como uma forma de reproduzir o modo de ser e a concepção de mundo de pessoas, grupos e classes, através da troca de experiências e de conhecimentos mediatizados pela autoridade pedagógica do educador. Esse modo de ser (ou essa concepção de mundo) inclui crenças, ideias, valores, ética, formas de trabalho e de organização social, cultural etc. Para reproduzi-los, a educação desemboca numa série de práticas de produção da vida social, tais como: preparação dos indivíduos mais jovens para ação futura na sociedade, transmissão da herança cultural e de novas formas de trabalho, socialização de processos produtivos de bens materiais e espirituais, entre outros (Rodrigues, 1987, p.69).

A escola, na visão desse autor, para atingir esses objetivos deve encarregar-se de alguns procedimentos indispensáveis, tais como: o desenvolvimento do aluno nas competências do uso correto da língua nacional, do domínio das operações aritméticas, dos modos de produção da ciência, bem como da formação do cidadão consciente de sua realidade histórica, em condições de participar ética, técnica e politicamente como cidadão na sociedade a qual pertence.

A EDUCAÇÃO E A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDB 9394/1996

Em 1961, com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4024, foi realizada uma grande reforma na educação nacional do Brasil. Em 1971, dez anos depois, outra Lei, a de nº 5692, apareceu e a educação brasileira sofreu grandes mudanças, quando a educação básica foi reorganizada em primeiro e segundo graus, não impondo mudanças no ensino superior, já anteriormente modificado pela Lei 5540/68, quando este passa a ser chamado de terceiro grau. O forte da Lei 5692/71 foi a implantação “oficial” de uma tendência educacional tecnicista, a qual enfatizava a preparação para o trabalho

no ensino de primeiro grau e a profissionalização no ensino de segundo grau.

Mas, a grande mudança ocorreu mesmo foi com a promulgação da LDB 9394/96, em 20 de dezembro de 1996, a qual determina os fins da educação, os caminhos a serem percorridos e os meios para atingi-los. Enfim, a nova LDB passa a regulamentar a Educação Nacional quando preconiza em seus dois primeiros artigos:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Art.1º).

“A educação é dever da família e do Estado, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Art.2º).

O ENSINO-APRENDIZAGEM

Nesta parte do nosso estudo iremos tratar do binômio ensino-aprendizagem. Inicialmente, veremos separadamente a origem dessas palavras e, posteriormente, enfocaremos esses processos no âmbito escolar. Vale destacar que os assuntos aqui tratados não esgotam a reflexão sobre esses temas, de interesse de todos nós. Eles serão enfocados, com maior profundidade, durante o curso em disciplinas tais como: Introdução à Educação, Fundamentos Epistemológicos da Pedagogia e Psicologia da Educação, entre outras.

Ensino

A palavra “ensino” tem sua origem no latim “in” + “signare”: Prefixo “in” = na direção ou na intenção de, e “signare” = assinalar, marcar, de “signum” = sinal.

Ensino e aprendizagem, segundo Ávila (1982, p.230),

são os dois polos de um mesmo processo, entendido o

ensino como a ação sistemática, ordenada e intencional de transmissão de conhecimento e experiências, e a aprendizagem como resultante desta ação (...). Qualquer que seja, porém, o tipo de ensino, há princípios básicos que não podem deixar de ser atendidos, que são objeto da Didática. Para a efetivação do ensino, segundo esse autor, é necessário que na Didática se entrossem todos os conhecimentos humanos, visto que ensinar é, antes de tudo, criar condições para que a aprendizagem se realize, e esta só é efetiva quando se processa de forma integral. Seis perguntas caracterizam essas condições: 1ª) a quem ensinar? 2ª) o que se ensina? 3ª) para que se ensina? 4ª) como se ensina? 5ª) onde se ensina? 6ª) qual a função do professor?.

Para a função de professor, a principal condição é ter competência ou domínio na área de conhecimento em que vai atuar. Além disso, deve ter a preocupação e o comprometimento com a aprendizagem do aluno.

Aprendizagem

Etimologicamente, a palavra aprendizagem vem do latim “ap-prehendere” = apoderar-se. Desse modo, a aprendizagem é a aquisição de conhecimento ou habilidade. Ela pode ser definida como um processo de integração e adaptação do ser ao ambiente em que vive, implicando, pois, em mudanças de comportamento.

Ensinar e aprender são processos distintos, não obrigatoriamente simultâneos, porém, articulados entre si.

Neste sentido, podemos dizer que a aprendizagem é um processo que ocorre internamente, isto é, corresponde às mudanças que se realizam nas estruturas cognitivas dos indivíduos.

A aprendizagem ocorre permanentemente nas pessoas de maneira informal e de maneira formal. Informalmente, aprendemos na rua, em casa, no clube, enfim, em todas as situações de vida. Formalmente, a aprendizagem ocorre nas escolas, igrejas, sindicatos, partidos, empresas e de maneira diferenciada das demais situações de aprendizagem, porque supõe um professor que desenvolve situações intencionais, sistematicamente organizadas, visando a mudanças no comportamento dos alunos, manifestando-se externamente no desempenho da pessoa e/ou nas respostas dadas às situações problemáticas do meio ambiente,

que podem ser observadas pelo professor como resultado de ensino.

Ensinar implica organizar e planejar as circunstâncias apropriadas para que o aluno aprenda. Para tanto, é necessário que quem ensina deva considerar as características e necessidades de quem aprende (idade, nível escolar e conhecimento, vivências anteriores, etc.), de modo a poder organizar, adequadamente, as condições favoráveis à aprendizagem, para que a participação do aluno e sua interação com o professor e os colegas aconteçam num ambiente adequado às situações de aprendizagem.

Portanto, aprendizagem é um processo que consiste em mudanças permanentes que se integram ao comportamento do indivíduo, levando-o a agir diferentemente em situações novas posteriores.

A tarefa principal do professor neste processo é ensinar a ensinar, que significa construir uma ação inovadora entre o professor e o aluno. Cabe ao professor produzir e orientar as atividades didáticas, ajudando seus alunos nos processos de produção e assimilação de conhecimentos para garantir a aprendizagem efetiva, resultando daí a sua independência intelectual. É missão do professor fortalecer e enriquecer as capacidades e habilidades de seus alunos, no sentido de trabalhar o conhecimento e sua formação.

A PEDAGOGIA E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E O PAPEL DA DIDÁTICA

SAIBA MAIS

Outra classificação sobre as Tendências Pedagógicas pode ser vista em MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

Após as reflexões sobre o ensino e a aprendizagem, vamos explicitar as concepções ou tendências pedagógicas manifestadas na prática pedagógica dos professores no decorrer dos tempos, destacando o papel da escola, conteúdos, métodos, pressupostos da aprendizagem, manifestações na prática e o papel da Didática em cada uma dessas concepções.

Para esclarecer as concepções em questão, utilizamos a classificação elaborada por Libâneo (1986), que as divide em dois grandes grupos:

- Pedagogia Liberal;
- Pedagogia Progressista.

Pedagogia Liberal

O termo liberal, aqui, não tem o sentido de “avançado”, “democrático”, “aberto”. A doutrina liberal apareceu como justificção do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais da sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A Pedagogia Liberal é uma manifestação própria desse tipo de sociedade.

No ideário da Pedagogia Liberal, podemos classificar as tendências pedagógicas em:

- a) Tendência Liberal Tradicional;
- b) Tendência Liberal Renovada Progressivista;
- c) Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva;
- d) Tendência Liberal Tecnicista.

Dentro de cada uma dessas tendências, apresentamos um resumo dos elementos componentes do processo educacional.

a) Tendência Liberal Tradicional

Papel da escola – preparação intelectual e moral; compromisso com o saber desvinculado do social, ênfase na capacidade individual.

Conteúdos de ensino – são os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como verdades. Os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual. Os programas são dados numa progressão lógica, sem levar em conta as características de cada idade.

Métodos – enfatizam a exposição verbal, a memorização, a disciplina da mente e a formação de hábitos.

Relacionamento professor x aluno - ênfase na autoridade do professor; atitude passiva do aluno.

Pressupostos de aprendizagem – aprendizagem receptiva e mecânica, coerciva; busca a retenção; a transferência de aprendizagem depende do treino, da repetição.

SAIBA MAIS

Tradicional se usa para designar uma concepção de educação. Esta qualificação foi dada exatamente pelos escolanovistas para não criar complicações desnecessárias.

Manifestações na prática escolar – viva e atuante no sistema educacional.

Papel da Didática – impor regras e princípios que regulem o ensino; a atividade de ensinar é centrada no professor.

b) Tendência Liberal Renovada Progressivista

Papel da escola – adequar as necessidades individuais ao meio social.

Conteúdos de ensino – são estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivencia frente a desafios cognitivos e situações problemáticas. Dá-se, portanto, maior valor aos processos mentais e habilidades intelectuais cognitivas do que a conteúdos organizados racionalmente.

Métodos - valorizam a experiência; o trabalho de grupo é visto como condição para o desenvolvimento mental; enfatizam as diferenças individuais.

Relacionamento professor x aluno – democrático, propiciando um clima harmonioso dentro da sala de aula.

Pressupostos de aprendizagem – aprender é atividade de descoberta, autoaprendizagem, sendo o ambiente apenas o meio estimulador.

Manifestações na prática escolar – aplicação reduzida por falta de condições objetivas e pela existência de práticas tradicionais.

Papel da Didática – Sua função é a orientação da aprendizagem. É ativa, valoriza o processo de aprendizagem do aluno.

c) Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva

Papel da escola – formação de atitudes; preocupação maior com problemas psicológicos; o importante é desenvolver um clima favorável às mudanças internas.

Conteúdos de ensino – essa tendência enfatiza os processos de desenvolvimento das relações e das comunicações, tornando secundária a transmissão de conteúdos.

Métodos – prevalece o esforço do professor em facilitar a aprendizagem dos alunos; o relacionamento interpessoal é condição

básica para crescer.

Relacionamento professor x aluno – pessoal e autêntico; o professor é um especialista em relações humanas.

Pressupostos de aprendizagem – aprender é o processo de modificação das próprias percepções; há valorização do EU.

Manifestações na prática escolar – influências expressivas entre educadores, principalmente orientadores educacionais e psicólogos que se preocupam com aconselhamento.

Papel da Didática – enfatizar os princípios da atividade e da liberdade; dar atenção às diferenças individuais, valorizar o aprender fazendo.

d) Tendência Liberal Tecnista

Papel da escola – modelar o comportamento humano; produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho; manter a ordem social vigente.

Conteúdos de ensino – são informações, princípios, leis etc, estabelecidos e ordenados, numa sequência lógica e psicológica por especialistas; o material instrucional encontra-se sistematizado nos manuais, nos livros didáticos, nos módulos de ensino, nos dispositivos audiovisuais .

Métodos – procedimentos necessários ao arranjo e controle das condições que assegurem a transmissão/recepção de informações.

Relacionamento professor x aluno – tem sentido exclusivamente técnico para garantir a eficácia da transmissão do conhecimento.

Pressupostos de aprendizagem – aprender é processo de modificação do comportamento.

Manifestações na prática escolar – expressas pelas orientações oficiais contidas nas leis 5.540/68 e 5.692/71.

Papel da Didática – buscar a racionalização e eficiência do ensino; preocupar-se com as variáveis internas do processo de ensino e aprendizagem; é instrumental.

SAIBA MAIS

“Progressista: é tudo aquilo que está ligado às forças sociais que podem (e têm interesse em...) proporcionar o progresso social (o avanço da forças produtivas; uma distribuição mais justa das riquezas; o avanço cultural)”. (DIGIORGI, 1986, p. 74).

Pedagogia Progressista

O termo progressista é usado, aqui, para designar as tendências

que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam, implicitamente, as finalidades sociopolíticas da educação.

No ideário da Pedagogia Progressista podemos classificar essas tendências em:

OBSERVAÇÃO

Esta concepção no Brasil teve um principal articulador, o educador Paulo Freire.

- a) Tendência Progressista Libertadora;
- b) Tendência Progressista Libertária;
- c) Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos.

a) Tendência Progressista Libertadora

Papel da escola – contribuir para a transformação social.

Conteúdos de ensino – valoriza a educação não-formal. Os conteúdos aparecem sob a forma de temas geradores e são extraídos da problematização da prática de vida dos alunos. Os textos de leitura são redigidos pelos próprios alunos com ajuda do professor

Métodos – a forma do trabalho educativo é o grupo de discussão, a quem cabe autogerir a aprendizagem, definindo o conteúdo e a dinâmica das atividades

Relacionamento professor x aluno – tem por pressuposto básico a eliminação de toda relação autoritária e de autoridade que possa impedir a aproximação de consciências.

Pressupostos de aprendizagem – aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta.

Manifestações na prática escolar – nos movimentos populares, sindicatos, na educação popular e na prática de educadores, em todos os graus de ensino.

Papel da Didática – desenvolver o processo educativo como tarefa que ocorre no interior dos grupos sociais, centrada na realidade social, na participação ativa.

b) Tendência Progressista Libertária

Papel da escola – contribuir para o processo de autogestão do aluno.

Conteúdos de ensino – resultam de necessidades e interesses

manifestados pelo grupo, podendo ou não ser as matérias de estudo.

Métodos – baseiam-se na vivência grupal e na forma de autogestão. Os alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades ou do grupo.

Relacionamento professor x aluno – não-diretivo; recusa qualquer forma de poder ou autoridade.

Pressupostos de aprendizagem – ênfase na aprendizagem informal via grupo; negação de toda forma de repressão.

Manifestações na prática escolar – abrangem todas as tendências antiautoritárias em educação (anarquista, psicanalista, progressista, etc.).

Papel da Didática – centrada na vivência grupal, coletiva e nos processos de autogestão pedagógica.

c) Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos

Papel da escola – preparação do aluno para o mundo através dos conteúdos e da socialização.

Conteúdos de ensino – são os conteúdos culturais universais que se constituíram em conhecimentos relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados face às realidades sociais. Os conteúdos são realidades exteriores ao aluno. Os conteúdos devem ser bem ensinados e devem relacionar-se à sua significação humana e social.

Métodos – os métodos de ensino devem partir da relação direta entre a experiência do aluno e o saber trazido de fora. O trabalho docente relaciona a prática vivida pelos alunos com os conteúdos propostos pelo professor. Há, portanto, uma ligação entre a experiência do aluno e a explicação dada pelo professor.

Relacionamento professor x aluno – cria condições para que professor e aluno colaborem para o avanço das trocas sociais.

Pressupostos de aprendizagem – modelos e conteúdos sociais ampliam a experiência do aluno.

Manifestações na prática escolar – modelos de ensino voltados para a integração conteúdo - realidades sociais.

Papel da Didática – estimular o trabalho pedagógico, incentivando a participação ativa do educando em sua realidade social.

SAIBA MAIS

Leia o texto nº 01. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar, de Libâneo, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.



Fórum 01

Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Fórum 1 – Obrigatório

Palavras iniciais. Esta é sua primeira atividade desta disciplina. Vá ao Fórum e apresente-se aos seus colegas. Fale um pouco sobre você, seu nome, onde nasceu e vive atualmente. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória profissional, principalmente a sua experiência no magistério e expectativas em relação ao curso e à disciplina Didática Geral.

Coloque sua manifestação no Fórum



Fórum 02

Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Fórum 2 - Obrigatório

Relembre o seu tempo no Ensino Fundamental, Médio e, se for o caso, no Ensino Superior. Trace o perfil do bom professor considerando as imagens que você formou sobre o que é ser um bom professor. Quais suas principais características, e quais as que mais lhe chamaram atenção ou que você, constantemente, relembra no decorrer de sua vida

Fórum 03



Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Fórum 3 - Obrigatório

Vá a uma escola mais próxima de sua casa e peça para assistir a uma aula de qualquer disciplina e observe a prática pedagógica do professor.

Em seguida, elabore um relatório sobre a atuação do mesmo, destacando situações caracterizadoras da: metodologia, avaliação, relacionamento professor-aluno. Enfim, o que for possível observar nas manifestações próprias das concepções de educação estudadas.

Este relatório deverá ser depositado na Base de Dados

Exercícios Propostos 01



Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Atividade 1 - Obrigatória

Tendo em vista o que estudamos sobre Educação, elabore um texto de, no máximo, uma folha sobre o tema em questão, enfatizando o que é educação, a diferença entre educação geral e educação escolar.

Utilize a Base de Dados para enviar o arquivo com o seu texto 1.



Exercícios Propostos 02

Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Atividade 2 – Obrigatória

Agora que você refletiu um pouco sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, responda às seguintes questões:

1. O que você entende por LDB?
2. Em que sentido você acha que essa Lei pode interferir na vida do cidadão comum?
3. Faça uma pesquisa na LDB 9394/96 e explicita os princípios que orientaram o ensino do nosso país.

Deposite suas respostas na Base de Dados – Atividade 2.



Exercícios Propostos 03

Disciplina: Didática Geral

Unidade: I

Atividade 3 – Obrigatória

Após a leitura sobre as Tendências Pedagógicas Brasileiras, faça o seguinte trabalho:

- 1- Elabore um resumo sobre as Tendências Pedagógicas Brasileiras destacando o papel da Didática em cada uma delas.

Deposite suas respostas na Base de Dados – Atividade 3.

UNIDADE 02

**Didática e Formação
de Professores**



2

DIDÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“Se quisermos alunos competentes, teremos de ir além do ensino para a memorização”

(Melo, 1982).

DIDÁTICA: UM POUCO DE HISTÓRIA

A história da Didática está ligada ao aparecimento do ensino, isto é, desde que alguém pela primeira vez propôs-se, institucionalmente, ensinar a outrem alguma coisa.

O termo Didática, segundo Libâneo (1992), aparece quando adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens, através da direção deliberada e planejada do ensino, ao contrário das formas de intervenção mais ou menos espontâneas de antes. Estabelecendo-se uma intenção propriamente pedagógica na atividade de ensino, a escola torna-se uma instituição; o processo de ensino passa a ser sistematizado conforme níveis, tendo em vista a adequação do ensino às possibilidades das crianças, às idades e ritmo de assimilação dos estudos.

Como campo teórico elaborado, a Didática passou a existir no século XVII, quando João Amos Comenius, pastor protestante que viveu na Tchecoslováquia, publicou uma obra clássica sobre o assunto: A Didática Magna. Este livro pode ser considerado o marco de fundação da disciplina. Tanto pelo seu pioneirismo quanto pela sua influência, na época, e mesmo muito tempo depois.

Esse educador revolucionou a educação da sua época, defendendo a “escola para todos”, a pedagogia da fábrica, dos trabalhadores, numa fase em que a educação escolar era privilégio



João Amos Comenius
Fonte: Google Imagens

dos que pertenciam ao clero e à nobreza.

Comenius desenvolveu ideias avançadas para o seu tempo e teve influência direta sobre o trabalho docente, em contraposição às ideias conservadoras da nobreza e do clero. Empenhou-se em desenvolver métodos de instrução mais rápidos e eficientes, partindo da observação e da experiência sensorial. Era intenção de Comenius que todas as pessoas usufríssem dos benefícios do conhecimento. Sonhava elaborar um método geral que chamava de “Método do Desenvolvimento Natural”, tratado da arte de ensinar tudo a todos, o qual serviria para ensinar qualquer assunto a qualquer pessoa, em qualquer nível, especialmente a ler e escrever, começando pela língua materna, numa época em que predominava o latim. No entanto, não se tem conhecimento, com precisão, da formulação desse método.

Comenius valorizava o processo indutivo como sendo a melhor forma de se chegar ao conhecimento generalizado, e aplicou-o na sua prática instrucional. Ele afirmava que o método indutivo estava mais “de acordo com a natureza” e propunha a inclusão do estudo dos fenômenos físicos nos currículos e nos livros escolares. Criou um método para o ensino de línguas, de acordo com suas ideias educacionais, considerado revolucionário para aqueles tempos.

Até hoje são encontrados alguns ecos, senão das propostas pedagógicas de Comenius, pelo menos da sua pretensão – ele achava que era possível criar um método universal, invariável, capaz de orientar o professor no seu trabalho.

Assim, ao ensinar um assunto, o professor deveria:

Apresentar seu objeto ou ideia diretamente, fazendo demonstrações, pois o aluno aprende através dos sentidos, principalmente vendo e tocando;

Mostrar a utilidade específica do conhecimento transmitido e a sua aplicação na vida diária;

Fazer referência à natureza e origem dos fenômenos estudados, isto é, às suas causas;

Explicar, primeiramente, os princípios gerais e só depois os detalhes;

Passar para o assunto ou tópico seguinte do conteúdo apenas quando o aluno tiver compreendido o anterior.

Como se pode perceber, esses pressupostos da prática docente já eram proclamados por Comenius em pleno século XVII.



A Didática é uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino, tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais. Ela se fundamenta na Pedagogia, sendo uma disciplina pedagógica.

O QUE É DIDÁTICA

A Didática é um ramo específico da Pedagogia. Enquanto a Pedagogia pode ser conhecida como filosofia, ciência e técnica da educação, que estuda, portanto, a educação, a instrução e o ensino, a Didática pode ser conceituada como a arte, como a técnica de ensino.

Pedagogia, etimologicamente, segundo Ghiraldelli (2004), é a ciência de dirigir crianças:

Teoria e ciência da educação e do ensino; conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático; o estudo dos ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para efetivar estes ideais. Na Grécia Antiga, Pedagogia designava o acompanhamento e vigilância do jovem. O paidagogo (o condutor da criança) era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja a didascaleia, onde recebiam as primeiras letras, seja o gymnásion, local de cultivo do corpo.

Os escravos eram geralmente estrangeiros, velhos artistas ou filósofos que se tornavam cativos. Na escola, as crianças e adolescentes recebiam aulas de um mestre-escola, que, por não servir para outro tipo de trabalho, era rebaixado ao ofício de ensinar. Esse mestre-escola era o responsável pela instrução desses jovens e o “pedagogo”, enquanto os conduzia, conversava sobre a vida, os valores, os costumes e as crenças, isto é, os educava.

O conceito de Didática tem mudado com o passar do tempo. Ela está ligada à sua colocação em relação à concepção de educação, à concepção filosófica que a orienta.

OBSERVAÇÃO

A Didática é uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino, tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais. Ela se fundamenta na Pedagogia, sendo uma disciplina pedagógica.

Conceitos de Didática

Assim, apresentamos os conceitos de Didática sob o ponto de vista de várias abordagens ou concepções de educação, tais como:

- Sentido Etimológico;
- Senso Comum;
- Abordagem Tradicional;
- Abordagem Humanista;
- Abordagem Tecnicista;
- Abordagem Sociopolítica;
- Abordagem Multidimensional ou Fundamental.

Sentido etimológico

Deriva da expressão grega *techné didaktiké*, que significa “arte ou técnica de ensinar”.

Senso comum

Comumente é entendida como método, técnica, norma, conjunto de princípios técnicos; disciplina prática e normativa; modo, maneira de dar aula.

Abordagem tradicional

A Didática consiste na doutrina da instrução, entendida como um conjunto de normas prescritivas centradas no método e em regras, no intelecto, no conteúdo dogmático. O método mais empregado é o expositivo, segundo o qual o professor é o centro do processo da aprendizagem. A metodologia de ensino tem um caráter formal; o professor atribui um significado dogmático aos conteúdos, concebe o aluno como um ser passivo, sem autonomia e sem considerar conhecimentos e experiências anteriores. Para garantir a atenção, o silêncio, o professor usa a disciplina rígida, utilizando inclusive castigos físicos.

Abordagem humanista

O conceito de Didática, nesta abordagem, apresenta um caráter de neutralidade científica, de base psicológica, defendendo ideias de “aprender fazendo” e “aprender a aprender”, sem considerar o contexto político-social. A característica mais marcante da Didática é a valorização da criança que, conforme Veiga (1988), é vista como um ser dotado de poderes individuais, cuja liberdade, iniciativa, autonomia e interesse devem ser respeitados. Neste sentido, o conteúdo da Didática enfatiza a questão da motivação para aprender, o atendimento às diferenças individuais e aos interesses do aluno, como também uma metodologia que atenda a esses aspectos.

Abordagem tecnicista

Nesta concepção, a Didática preocupa-se com as variáveis internas do processo ensino-aprendizagem, sem considerar o contexto político-social, procurando desenvolver uma alternativa não psicológica, centrando-se nos aspectos da “tecnologia educacional”, tendo como preocupação básica a eficácia e a eficiência do processo de ensino.

A atuação da Didática volta-se para o planejamento didático formal, na formulação de objetivos de ensino, na elaboração de materiais instrucionais, organização e eficiência técnica desse ensino e a uma avaliação objetiva da aprendizagem.

Abordagem sociopolítica

A Didática passou a assumir o discurso sociológico, filosófico e histórico. Ela é questionada, postula uma antididática e seu papel deverá ir além dos métodos e técnicas, associando escola e sociedade, teoria-prática, auxiliando o processo de politização do professor. De acordo com Veiga (1988), a educação não está centrada no professor ou no aluno, mas na formação do homem. Neste sentido, a Didática adquire um caráter crítico. Volta-se para a preocupação com as finalidades e

OBSERVAÇÃO

Com o progresso tecnológico do nosso século, muitos têm se preocupado com as aplicações tecnológicas à educação. Assim, aliando este progresso ao desenvolvimento das ciências do comportamento, alguns autores têm apresentado proposições variadas de aplicação educacional de tecnologias. B. F. Skinner, psicólogo americano, chega a falar em “engenharia comportamental”, aplicado ao campo da educação as descobertas da Psicologia na área do conhecimento do comportamento.

intencionalidades da educação, e com os pressupostos teórico-ideológicos que embasam o processo educativo. Buscando superar o intelectualismo formal do enfoque tradicional, evitando os efeitos do espontaneísmo escolanovista, combatendo a orientação desmobilizadora do tecnicismo, superando assim as tarefas especificamente pedagógicas, desprestigiadas a partir do discurso reprodutivista.

OBSERVAÇÃO

O conteúdo educativo precisa ser apropriado pelos alunos, pois, se pela exclusão se processa a reprodução, é para a melhoria da qualidade do ensino que a função transformadora poderia se efetivar, ao buscar a melhor maneira de trabalhar este conteúdo educativo.

OBSERVAÇÃO

Podemos, assim, delimitar como objeto da Didática o processo de ensino que, considerado no seu conjunto, inclui: os conteúdos dos programas e dos livros didáticos; os métodos e formas organizativas do ensino; as atividades do professor e dos alunos e as diretrizes que orientam esse processo.

Abordagem multidimensional ou fundamental

A Didática assume a multidimensionalidade do processo ensino-aprendizagem, seu objeto de estudo, colocando a articulação das dimensões técnica, humana, política e ética no centro da sua temática.

A Didática fundamental apresenta as seguintes características:

- Assume a multidimensionalidade do seu objeto de estudo;
- Analisa a prática pedagógica concreta, contextualizando-a;
- Explicita os pressupostos das diferentes metodologias;
- Trabalha continuamente a relação teoria-prática;
- A reflexão didática parte do compromisso com a transformação social;
- Ensaia, experimenta, analisa, propõe.

Considerando a evolução dos conceitos anteriormente apresentados, podemos dizer que a Didática

já não pode ser encarada apenas como uma disciplina de caráter instrumental. Ela deve ser repensada em função dos objetivos mais amplos da educação, em função da problematização dos homens em suas relações com o mundo. Ela já não pode entender-se como uma disciplina de pura ordem técnica, cujo objetivo seja o de rever o instrumental necessário aplicável à margem dos objetivos e estruturas do sistema educacional imperante. Ela implica numa combinação dos níveis teóricos e do instrumento na análise e elaboração dos problemas de seu âmbito – o que supõe uma inter-relação permanente entre a indagação teórica e a prática educativa. (Alvite, 1980, p.23).

Desse modo, entende-se a Didática como a análise a sistematização

da avaliação do fazer pedagógico, baseada no conhecimento científico e na crítica da realidade.

Assim, a Didática é algo do qual nenhum professor pode escapar. Bem ou mal, consciente ou inconscientemente, ele usa a Didática, porque ela é o conjunto de atitudes e ações que o mesmo assume e realiza no desenvolvimento do seu trabalho.

Hoje, a Didática preconiza uma concepção pedagógica progressista e uma prática educacional centrada no diálogo, na participação ativa do aluno, no contato com a realidade, na discussão dos problemas, na reflexão, na análise crítica dos conteúdos, enfim, na vivência democrática em sala de aula.

Para finalizar esse tópico, enfatizamos que não existe consenso em relação à conceituação de Didática. Os estudos a respeito dessa disciplina, no entanto, permitem dizer que o processo de ensino e de aprendizagem é o seu objeto de estudo e que a Didática é o principal ramo de estudo da Pedagogia. A ela compete: investigar os fundamentos, as condições e modos de realização da instrução e da efetivação do ensino; converter os objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino; selecionar e organizar os conteúdos curriculares e estabelecer as estratégias para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem do aluno.

Pelo exposto, a disciplina Didática preocupa-se com as relações interpessoais dos sujeitos no processo educativo, com a organização técnico-metodológica do processo de ensino e aprendizagem e com a intencionalidade política da educação. É essencialmente o estudo de como ensinar para um melhor aprender (aspecto técnico); do por que ensinar, dependendo da concepção de homem e de sociedade que se tem (aspecto filosófico) e do para que ensinar (aspecto político), pautado nas finalidades e intencionalidades sociopolíticas da educação.

O trabalho docente, isto é, a efetivação da tarefa de ensinar, é uma modalidade de trabalho pedagógico e dele se ocupa a Didática. Nessa tarefa, a Didática recebe contribuições de outras disciplinas, tais como: Filosofia da Educação, Teoria da Educação e Teoria de Organização Escolar, dentre outras. Fundamenta-se nas ciências do comportamento e, de modo especial, na Biologia e na Psicologia da Educação, através das pesquisas experimentais.

OBSERVAÇÃO

Há também estreita ligação da Didática com os demais campos do conhecimento pedagógico. A Filosofia e a História da Educação ajudam na reflexão em torno das teorias educacionais, indagando em que consiste o ato educativo, seus condicionamentos externos e internos, seus fins e objetivos; busca os fundamentos da prática educativa.

SAIBA MAIS

"a Didática como disciplina de estudo teórico-prático não se reduz ao mero domínio das técnicas de orientação didáticas, mas implica também os aspectos teóricos, ao mesmo tempo em que fornece à teoria os problemas e desafios da prática. Nesse entendimento, caracteriza-se como mediação entre "o que", "como" e o "para que" do processo de ensino".

(Veiga, 1991, p.80).

SAIBA MAIS

Leia o texto nº 02 – Didática, Professor! Didática!, de José Luis de Paiva Bello. Vitória, 1993.

O PAPEL DA DIDÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para iniciar este tópico iremos destacar o que entendemos por educador. Para tanto, recorremos a Luckesi (1986, p. 24-25), segundo o qual “educador é o profissional que se dedica à atividade de, intencionalmente, criar condições de desenvolvimento de condutas desejáveis, seja do ponto de vista do indivíduo, seja do ponto de vista do grupamento humano”.

Esse autor caracteriza o professor como sendo aquele que passa por um processo formal de aquisição de conhecimentos e habilidades, garantidos por uma instituição oficial para o magistério, através de processos de aprendizagem estruturados.

Esse profissional, ao assumir o seu mister, terá de fazer opções teóricas, tais como: filosófico-políticas, pela libertação; nortear a sua prática no sentido de criar modos de compreensão do mundo e adotar procedimentos metodológicos compatíveis com essas opções, realizando uma prática democrática, comprometida ideológica e efetivamente.

Luckesi (1986, p. 26), referindo-se à formação do educador, declara:

Formar o educador, a meu ver, seria criar condições para que o sujeito se prepare filosófica, científica, técnica e afetivamente para o tipo de ação que vai exercer. Para tanto, serão necessárias não só aprendizagens cognitivas sobre os diversos campos de conhecimento que o auxiliem no desempenho do seu papel, mas – especialmente – o desenvolvimento de uma atitude, dialeticamente crítica, sobre o mundo e sua prática educacional. O educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que a sua preparação, a sua maturação se faz no dia a dia, na meditação teórica sobre a sua prática.

Segundo Brzezinski (1996), para a construção de uma formação inicial de qualidade, o Movimento Nacional pela Formação do Professor (ANFOPE) traçou uma pauta mínima que se assenta em cinco eixos, a saber:

- Sólida formação teórica;
- A unidade teoria e prática, sendo que essa relação diz respeito ao como se dá a produção de conhecimento na dinâmica

- curricular do curso;
- O compromisso social e a democratização da escola;
- O trabalho coletivo;
- A articulação entre a formação inicial e a continuada.

Em qualquer proposta de formação inicial ou continuada de formação do professor é imprescindível a Didática, pois ela ocupa lugar privilegiado em função do seu papel de dirigir e organizar as estratégias para a consecução dos objetivos de aprendizagem. Inclui, necessariamente, componentes curriculares orientados para o tratamento sistemático do fazer educativo, da prática pedagógica.

Segundo Libâneo (1992, p.27), a formação do professor abrange três dimensões:

A formação teórico-científica, incluindo a formação acadêmica específica nas disciplinas em que o docente vai especializar-se; a formação pedagógica, que envolve os conhecimentos da Filosofia, Sociologia, História da Educação e da própria Pedagogia, que contribuem para o esclarecimento do fenômeno educativo no contexto histórico-social; a formação técnico-prática, visando à preparação profissional específica para a docência, incluindo a Didática, as metodologias específicas das matérias, a Psicologia da Educação, a pesquisa educacional e outras.

Essa formação é realizada nos cursos de Habilitação ao Magistério em nível de ensino médio e superior. Compreende um conjunto de disciplinas articuladas entre si, cujos objetivos devem confluir para uma unidade teórico-metodológica do curso.

Os professores para a Educação Básica são formados nos cursos de Licenciatura. Estes cursos foram instituídos no Brasil em 1939, na Universidade de São Paulo, com a finalidade explícita de oferecer aos bacharéis de várias áreas os conhecimentos pedagógicos necessários às atividades de ensinar. Adotava-se o chamado esquema 3 + 1, que consistia em adicionar um ano de estudos de Didática, formando os licenciados.

Com a Lei 9394/96,

a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura,

SAIBA MAIS

Conforme a LDB 9394/96, esta formação seria admitida até 2007.

de graduação plena, em universidades e institutos de educação superior, admitida, como formação mínima para exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (Artigo 62).

A nova LDB trata dos profissionais da educação no Título VI, artigos 61 a 67. Inicialmente, definem-se os fundamentos da formação do pessoal para o magistério: “a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço”; aproveitamento de formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades”.

Como podemos perceber, a Lei cria outra instituição formadora de professores da educação básica, além das universidades, trata-se do Instituto Superior de Educação – ISE,

Os institutos superiores de educação, conforme dispõe o Artigo 63 dessa lei, manterão:

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diploma de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Especificamente, para a formação do professor da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, em 15 de maio de 2006, o Conselho Nacional de Educação (CNE) baixou a Resolução nº1, instituindo as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Pedagogia. Em seu bojo esse documento traz várias modificações acerca da licenciatura em Pedagogia e insere novos conceitos no processo de formação dos pedagogos.

Essa Resolução institui as Diretrizes para o curso de Pedagogia, definindo princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país.

Conforme o artigo 4º dessa Resolução, o curso de Pedagogia, licenciatura,

destina-se à formação de professores para exercer funções do Magistério na Educação Infantil; nos anos iniciais do Ensino Fundamental; nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal; de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Por outro lado, em seu artigo 10, essa Resolução extinguiu as habilitações do curso de Pedagogia como Supervisão Escolar, Administração, Orientação Educacional, e outras, e determina, no artigo 11.

que as instituições de Educação Superior que mantêm cursos autorizados como Normal Superior e que pretendam a transformação em curso de Pedagogia, e, as Instituições que já oferecem cursos de Pedagogia, deverão elaborar novo projeto pedagógico, obedecendo ao contido nessa Resolução.

São autorizados para esta formação as Universidades, Centros de Educação, Faculdades e os Institutos de Educação Superior, na modalidade presencial ou a distância.

Com relação à Educação Superior, a preparação para o exercício do magistério far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente, em programas de mestrado e doutorado. O notório saber será reconhecido. (Artigo 66, parágrafo único). Mas não se tem conhecimento de cursos nesse nível preparando exclusivamente professores.

Após essas considerações, é necessário enfatizar que o processo de formação dos professores não deve ser considerado encerrado, já que as demandas são imensas e estão constantemente se modificando. Tal fato denota a necessidade de capacitação para lidar não apenas com o avanço do conhecimento em sua área específica de atuação (seu componente curricular), mas também com os desafios advindos do mundo atual, dos quais destacamos: as novas tecnologias; a dinâmica das relações humanas; a ética e os diversos fatores desencadeadores de estresse no cotidiano.

COMPETÊNCIA PROFISSIONAL E SUAS DIMENSÕES

Conforme visto anteriormente, a educação significa mudança

OBSERVAÇÃO

A ênfase na dimensão técnica da prática docente, dissociada das demais dimensões, tem-se o tecnicismo.

de comportamento das capacidades cognitivas dos indivíduos. Essas mudanças realizam-se através do processo de ensino e aprendizagem.

O processo de ensino compreende ações conjuntas do professor e dos alunos, pelas quais estes são estimulados a assimilar consciente e efetivamente os conteúdos. Assim, a tarefa principal do professor é garantir a unidade entre ensino e aprendizagem.

Mas, para que esse processo ocorra de maneira consistente e eficiente, é necessário que o professor saiba fazer bem, isto é, que tenha competência.

E o que se entende por competência? Segundo Melo (1982), competência profissional engloba várias características, quais sejam: domínio do conteúdo, habilidade em organizar e veicular o saber escolar, possibilitando que este seja adquirido pelo aluno. Entender o pleno funcionamento da escola em suas variadas relações, tais como: planejamento dos períodos de aula, matrícula e organização de classes; currículo e métodos de ensino, bem como o entendimento da relação existente entre a formação profissional, a escola e o resultado do trabalho do professor. Além disso, é importante enfatizar que os aspectos citados passam, inevitavelmente, pelo conhecimento das questões trabalhistas.

Rios (2001, p.47) corrobora com a ideia de Melo (1982), destacando que:

O saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel; aquilo que se requer dele socialmente, articulado com domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele “dê conta do seu recado”, em seu trabalho. Mas é preciso saber bem, saber fazer bem (...).

Para maior aprofundamento do conteúdo em questão, estudaremos o texto da professora Vera Candau – Um ponto de partida: a multidimensionalidade do processo ensino-aprendizagem.

Um ponto de partida: a multidimensionalidade do processo de ensino e aprendizagem

O objeto de estudo da Didática é o processo de ensino-aprendizagem. Toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo de ensino-aprendizagem.

Partindo da afirmação da multidimensionalidade desse processo, o que pretendo dizer?

Que o processo de ensino-aprendizagem, para ser adequadamente compreendido, precisa ser analisado de tal modo que articule consistentemente as dimensões: humana, técnica e político-social. Que o ensino-aprendizagem é um processo em que está sempre presente, de forma direta ou indireta, o relacionamento humano.

Abordagem humanista

Para a abordagem humanista, o centro do processo ensino-aprendizagem é a relação interpessoal. Esta abordagem leva a uma perspectiva eminentemente subjetiva, individualista e afetiva do processo. Para esta perspectiva, mais do que um problema de técnica, a Didática deve centrar-se no processo de aquisição de atitudes, tais como: calor, empatia, consideração positiva incondicional. A Didática é, então, "privatizada". O crescimento pessoal, o interpessoal e o intragrupal são desvinculados das condições socioeconômicas e políticas em que ocorrem; cuja dimensão estrutural é, pelo menos, colocada entre parênteses.

A abordagem humanista é unilateral e reducionista, fazendo da dimensão humana o único centro configurador do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ela explicita a importância dessa dimensão. Certamente, o componente afetivo está presente no processo de ensino-aprendizagem. Ele perpassa e impregna toda sua dinâmica e não pode ser ignorado.

Dimensão técnica

A dimensão técnica refere-se ao processo de ensino-aprendizagem como ação intencional, sistemática, que procura organizar as condições que melhor propiciem a aprendizagem. Aspectos como objetivos instrucionais, seleção do conteúdo, estratégias de ensino, avaliação, etc., constituem o seu núcleo de preocupações. Trata-se do aspecto considerado objetivo e racional do processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, quando esta dimensão é dissociada das demais, tem-se o tecnicismo. A dimensão técnica é privilegiada, analisada de forma dissociada de suas raízes político-sociais e ideológicas, e vista como algo "neutro" e meramente instrumental. A questão do "fazer" da prática pedagógica é dissociada das perguntas sobre o "por que fazer" e o "para que fazer" e analisada de forma, muitas vezes, abstrata e não

contextualizada.

O tecnicismo parte de uma visão unilateral do processo de ensino-aprendizagem, que é configurado a partir exclusivamente da dimensão técnica. No entanto, este é, sem dúvida, um aspecto que não pode ser ignorado ou negado para uma adequada compreensão e mobilização do processo de ensino-aprendizagem. O domínio do conteúdo e a aquisição de habilidades básicas, assim como a busca de estratégias que viabilizem esta aprendizagem em cada situação concreta de ensino, constituem problemas fundamentais para toda proposta pedagógica.

No entanto, a análise desta problemática somente adquire significado pleno quando é contextualizada e as variáveis processuais tratadas em íntima interação com as variáveis contextuais.

Dimensão político-social

Se todo o processo de ensino e aprendizagem é "situado", a dimensão político-social lhe é inerente. Ela acontece sempre numa cultura específica, trata com pessoas concretas que têm uma posição de classe definida na organização social em que vivem. Os condicionamentos que advêm desse fato incidem sobre o processo de ensino-aprendizagem. A dimensão político-social não é um aspecto do processo de ensino-aprendizagem, ela impregna toda a prática pedagógica que, querendo ou não (não se trata de uma decisão voluntarista), possui em si uma dimensão político-social.

No entanto, a afirmação da dimensão política da educação em geral e da prática pedagógica em especial têm sido acompanhadas entre nós não somente da crítica ao reducionismo humanista ou tecnicista, fruto, em última análise, de uma visão liberal e modernizadora da educação, mas tem chegado mesmo à negação dessas dimensões do processo de ensino e aprendizagem.

De fato, o difícil é superar uma visão reducionista, dissociada ou justaposta da relação entre as diferentes dimensões, e partir para uma perspectiva em que a articulação entre elas é o centro configurador da concepção do processo de ensino-aprendizagem. Na perspectiva de uma multidimensionalidade que articula organicamente as diferentes dimensões do processo de ensino-aprendizagem é que propomos que a Didática se situe.

(Vera Maria Candau. "A Didática e a formação de educadores: da

exaltação à negação, a busca de relevância". Em Didática em questão).

O saber e o fazer bem podem ser traduzidos, portanto, no entendimento e na articulação consistente das dimensões do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, nas dimensões técnica, humana, política e ética, que atuam multidimensional e indissociavelmente, construindo aquilo que Candau (1986) denomina de Didática Fundamental. Portanto, uma Didática que parte para a superação de uma visão reducionista do processo de ensino e aprendizagem. Essas dimensões, que se apresentam como centro configurador desse processo, podem também ser consideradas como elementos da competência profissional do professor. São elas:

Dimensão técnica

Constitui-se de uma ação intencional, sistemática, que procura organizar as condições que propiciem a aprendizagem. Núcleo de preocupações = objetivo, métodos, conteúdos, avaliação etc.

Dimensão humana

Centra-se no processo de aquisição de atitudes tais como: calor, empatia (...) crescimento pessoal, interpessoal e intergrupar. Núcleo de preocupações = relacionamento humano.

Dimensão política

Se o processo de ensino é "situado", esta dimensão lhe é inerente, isto é, acontece numa cultura específica, trata com pessoas concretas, que têm situação de classe definida. Núcleo de preocupações = a transformação social.

Para mais informações sobre o tema em questão, incluímos um quadro que apresenta uma síntese dos dez domínios de competência reconhecidos como prioritários, segundo Perrenoud (2000), na formação contínua dos professores de ensino básico.

Dimensão Ética

Envolve liberdade dos sujeitos, escolha de valores. Lida com o sonho, o desejo, a liberdade e a vontade. É a responsável pela mediação/vinculação dos elementos técnicos, humanos e políticos e pela sua estimulação, propiciando a existência da síntese, caracterizando a multidimensionalidade do processo de ensino e aprendizagem.

Competências de referência	Competências mais específicas a trabalhar em formação contínua (exemplos)
1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem	Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem; Trabalhar a partir das representações dos alunos; Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem; Construir e planejar dispositivos e sequências didáticas; Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento
2. Administrar a progressão das aprendizagens	Conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e as possibilidades dos alunos; Adquirir uma visão longitudinal dos objetivos de ensino; Estabelecer laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem; Observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem de acordo com uma abordagem formativa; Fazer balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão.
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	Administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma; Abrir, ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto; Fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades; Desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo.
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho	Suscitar no aluno o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver na criança a capacidade de auto avaliação; Instituir e fazer funcionar um conselho de alunos (conselho de classe ou de escola) e negociar com eles diversos tipos de regras e de contrato; Oferecer atividades opcionais de formação, à la carte; Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno.

Competências de referência	Competências mais específicas a trabalhar em formação contínua (exemplos)
5. Trabalhar em equipe	Elaborar um projeto de equipe, representações comuns; Dirigir um grupo de trabalho, conduzir reuniões; Formar e renovar uma equipe pedagógica; Enfrentar e analisar, em conjunto, situações complexas, práticas e problemas profissionais; Administrar crises ou conflitos interpessoais.
6. Participar da administração da escola	Elaborar, negociar um projeto da instituição; Administrar os recursos da escola; Coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros (serviços para instituições escolares, bairros, associações de pais, professores de língua de origem); Organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.
7. Informar e envolver os pais	Dirigir reuniões de informação e de debate; Fazer entrevistas; Envolver os pais na construção de saberes.
8. Utilizar novas tecnologias	Utilizar editores de textos; Explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino; Comunicar-se à distância por meio da telemática; Utilizar as ferramentas multimídias no ensino.
9. Enfrentar os deveres e os problemas éticos da profissão.	Prevenir a violência na escola e fora dela; Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais; Participar da criação de regras de vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta; Analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula; Desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.
10. Administrar sua própria formação contínua	Saber explicitar as próprias práticas; Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua; Negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede); Envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo; Acolher a formação dos colegas e participar dela.



Exercícios Propostos 04

Disciplina: Didática Geral

Unidade: II

Atividade 4 - Obrigatória

Explique as seguintes questões:

1. As relações existentes entre Pedagogia e Didática.
2. O papel que a Didática exerce junto ao professor, no processo de ensino, para a aprendizagem do aluno.
3. O significado de Didática Fundamental.
4. Por que não se pode afirmar que existe professor sem didática.

Deposite suas respostas na Base de Dados – Atividade 4.



Exercícios Propostos 05

Disciplina: Didática Geral

Unidade: II

Atividade 5 – Obrigatória

Responda as questões a seguir:

1. O que é competência profissional?
2. Qual o papel da Didática na formação dos professores?
3. Segundo os estudos realizados, o que seria necessário para a formação do professor?

Deposite suas respostas na Base de Dados – Atividade- 5.

Exercícios Propostos 06



Disciplina: Didática Geral

Unidade: II

Atividade: 6 – Obrigatória

Responda as seguintes questões:

1. Estabeleça a diferença entre a dimensão técnica e a dimensão humana da Didática.
2. Para você, o que é ser competente profissionalmente?
3. Sintetize a ideia principal que a autora Vera Candau transmite no texto “O ponto de partida: a multidimensionalidade do processo de ensino e aprendizagem”.
4. Depois, expresse também, por escrito, sua opinião sobre o texto.

Deposite suas respostas na Base de Dados – Atividade 6.

UNIDADE 03

Planejamento Educacional



3

PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

“O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar”.

NÍVEIS DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Nesta unidade estudaremos o tema relativo ao planejamento em educação, tanto no âmbito dos sistemas de ensino quanto no âmbito de unidades escolares. Independente do âmbito em que se realize a sua atuação, o professor precisa compreender os vários significados e os níveis que o planejamento pode assumir no processo educativo.

Assim, o planejamento em educação pode ocorrer em diferentes níveis, desde o nível dos sistemas de ensino, passando pelas unidades de ensino, até o trabalho do professor no cotidiano da sala de aula.

A propósito, a legislação educacional nos indica alguns desses níveis de planejamento: A LDB – Lei 9.394/96, em seu art. 9º, estabelece que uma das incumbências da União é elaborar o Plano Nacional de Educação – PNE. Esta mesma atribuição é estabelecida para os estados e municípios (arts. 10 e 11). Também os estabelecimentos de ensino têm como uma de suas tarefas “elaborar e executar sua proposta pedagógica” (art. 12), assim como aos docentes é atribuído, dentre outras funções, participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento (art.13).

As instituições de ensino superior, por força da LDB e do Decreto Federal nº 5773, de maio de 2006, estão também obrigadas a proceder à elaboração dos seguintes instrumentos estratégicos de planejamento:

SAIBA MAIS

Planejar é uma atividade que faz parte do ser humano, muito mais do que imaginamos. Nas coisas mínimas do dia a dia, como tomar um banho ou dar um telefonema, estão presentes atos de planejamento. Existem, evidentemente, diferentes níveis de complexidades de ações e, portanto, de planejamento.

Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;

O PDI é identificado como parte integrante do processo avaliativo da IES e é uma exigência quando se solicita o seu credenciamento periódico ou ainda quando se deseja a autorização de cursos superiores de graduação.

Projeto Pedagógico Institucional – PPI;

O PPI é um instrumento político, teórico e metodológico que norteará as ações educacionais das IES, para a consecução de sua missão e de seus objetivos, e as diretrizes para o ensino.

Projeto Político-Pedagógico – PPP (Projeto Pedagógico do Curso – PPC)

Segundo Lahore (1977), entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Analisando esta definição, podemos perceber que ela abrange todos os elementos fundamentais de qualquer tipo de planejamento.

O planejamento requer que se pense no futuro. É composto de várias etapas interdependentes, as quais, através de seu conjunto, possibilitam à pessoa ou grupo de pessoas atingirem os objetivos. Planejar implica, basicamente, decidir sobre:

- O que pretendemos realizar;
- O que iremos fazer;
- Como vamos realizar;
- O que e como devemos analisar a situação, a fim de verificar se o que pretendemos foi atingido.

Como nos referimos anteriormente, na área de educação temos vários níveis de planejamento, que variam em abrangência e

complexidade, quais sejam:

- Planejamento de um sistema educacional;
- Planejamento da escola;
- Planejamento curricular;
- Planejamento de ensino ou didático.

Planejamento de um sistema educacional

O planejamento de um sistema educacional é aquele feito em nível nacional, estadual e municipal. Reflete a política adotada em cada nível tendo em vista as finalidades da educação. Ele deve direcionar todo o processo, estabelecer e determinar as grandes urgências, indicar as prioridades básicas, determinar os recursos e meios necessários para a consecução das metas da educação.

O planejamento da escola

É o processo de tomada de decisões em relação aos aspectos administrativos e pedagógicos, no âmbito da escola. Realizado de maneira a propiciar a participação coletiva e democrática de todos os segmentos (professores, servidores e alunos); está voltado à melhoria da qualidade do ensino.

Planejamento curricular

O planejamento curricular é a previsão dos diversos componentes curriculares que serão desenvolvidos ao longo do curso. É a metodologia de organizar o processo de trabalho pedagógico, levando em conta as diretrizes básicas do sistema ao qual pertence, respeitando as características de sua clientela e as reais condições de trabalho que a escola apresenta.

Como consequência do planejamento curricular, tem-se o Projeto Político- Pedagógico, que é o guia de orientação para o processo de planejamento do ensino e da aprendizagem. Os professores, além de uma participação efetiva quando da sua elaboração, devem tê-lo em mãos, não só para orientação do seu trabalho, mas para garantir a

SAIBA MAIS

Para Veiga (1991), O Projeto Político Pedagógico não é mais um documento construído no espaço escolar com o objetivo de se realizar uma tarefa simplesmente burocrática que, ao final de sua elaboração, é arquivado pela escola ou remetida às autoridades educacionais; muito pelo contrário, o Projeto Político Pedagógico deve ser construído e vivenciado em todos os momentos e por todos os envolvidos no projeto da escola.

unidade teórico-metodológica das atividades escolares.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, segundo Dourado (2006), deve refletir a dinâmica da instituição. Nele devem ser explicitados os objetivos, anseios, desejos, ou seja, tudo aquilo que a escola pretende alcançar. Nesse sentido, o PPP constitui-se como caminho/busca de uma nova direção e de um novo sentido, mediatizado por forças internas e externas, visando a atingir os objetivos esperados e englobando ações explícitas e intencionais para a compreensão da escola que temos e a construção da escola que queremos.

Dessa forma, o projeto escolar deve nascer da avaliação e da compreensão das ações do passado e das análises do presente, pressupondo perspectivas que podem ser de conservação ou transformação, congregando a articulação entre duas categorias: o político e o pedagógico. A construção de um Projeto Político-Pedagógico traz à tona questões ligadas à gestão escolar, englobando as questões pedagógicas, administrativas e financeiras. Esse processo deve ser fruto de discussões e deliberações feitas por parte dos diferentes membros da comunidade escolar, no sentido da consolidação de um projeto interdisciplinar e globalizador para a escola.

O projeto político-pedagógico da escola necessita desenvolver formas democráticas de organização, gestão e funcionamento escolar, dando atenção à melhoria dos processos formativos, à utilização transparente dos recursos e à melhoria das relações de trabalho em seu interior. Desse modo, é necessária a implementação de ações colegiadas articuladas a situações em que o aprender a pensar não se dissocie do executar e, portanto, da efetivação de um Projeto Político-Pedagógico consistente. O Projeto Político-Pedagógico da escola, enquanto diretriz basilar do projeto educativo que a escola quer implementar, se torna um aliado fundamental na autonomia financeira da instituição, pois, quando pensado coletivamente, contando com a participação e a aprovação do conselho escolar, ganha força diante da comunidade e do sistema de ensino. Como os conselhos têm caráter deliberativo e são o órgão fundamental da escola, enquanto núcleo de gestão, a sua participação na construção do PPP é fundamental.

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. DOURADO, L. F. Conselho escolar e o financiamento da educação no Brasil. Brasília, 2006).

Saiba Mais



- O Projeto Político-Pedagógico: conceitos e significados (Ensino Médio – fazendo escola) – parte 1;
- O Projeto Político-Pedagógico: conceitos e significados (Ensino Médio – fazendo escola) – parte 2.

Para assistir a esses e outros vídeos, acessar diretamente o site:

[HTTP://www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

O planejamento de ensino ou didático

O planejamento de ensino é, segundo Haydt (2006), a previsão das ações e procedimentos que o professor vai realizar junto a seus alunos, e a organização das atividades discentes e das experiências de aprendizagem, visando atingir objetivos educacionais estabelecidos. É, portanto, o detalhamento e operacionalização do plano curricular.

Neste nível de planejamento o professor visa à racionalização da ação educativa, antecipando o delineamento das estratégias que vão ocorrer na sala de aula, evitando-se a improvisação e a rotina. A improvisação poderá desencadear falhas e erros, ausência de recursos necessários, pobreza de meios, insegurança do professor e dos alunos. A rotina é também consequência da improvisação, pois a ausência de reflexão leva o professor a repetir o mesmo plano, sem criatividade e sem desafios que convidem os alunos a ações e buscas produtivas e divergentes.

O planejamento de ensino é o mais próximo da prática do professor e da sala de aula, diz respeito mais estritamente ao aspecto didático e pode ser dividido em 4 subníveis:

- Plano de Curso;
- Plano de Unidade;
- Plano de Aula;
- Projeto Didático.

Neste sentido, o conceito de Cabral Neto (1997, p. 96) sintetiza o significado de planejamento de ensino e enfatiza a sua natureza processual

OBSERVAÇÃO

A conversão dos planos e programas oficiais em planos de ensino para situações docentes específicas não é tarefa fácil, mas é o que assegura a liberdade e autonomia do professor e a adequação do ensino às realidades locais.

e o efetivo envolvimento do professor na definição, sistematização e organização da prática docente:

É um processo crítico e participativo que requer uma permanente reflexão sobre as condições concretas da escola e da clientela com a qual se trabalha, a fim de prever decisões sobre: assuntos a serem atingidos (objetivos); o que deve ser ensinado (conteúdo); como deve ser ensinado (metodologia); e como avaliar de forma a atender os interesses e necessidades dos atores implicados no ato de ensinar e aprender.

O planejamento de ensino, dependendo das características da escola, é feito anual, semestral ou bimestral. Qualquer que seja a periodicidade em que ele aconteça, o planejamento constitui-se num momento privilegiado para reflexão coletiva sobre as ações educacionais e de integração da equipe de trabalho. É quando podemos analisar o que desenvolvemos até então e traçar metas para atuação da escola e para cada um de nós quanto à formação dos nossos alunos e à transformação da realidade escolar.

Plano de curso

É a previsão global das ações a serem desenvolvidas pelo professor e pelos alunos, no ano ou em um semestre letivo.

Ao planejar um curso, o professor deve:

- levantar dados sobre as reais condições e características da instituição escolar, e dos alunos – conhecimento da realidade;
- definir objetivos gerais e objetivos específicos;
- selecionar e organizar os conteúdos;
- estabelecer os procedimentos de ensino e aprendizagem;
- selecionar os recursos instrucionais e materiais a serem utilizados;
- escolher as formas e os instrumentos de avaliação de aprendizagem.

Na elaboração do plano de curso, o professor deverá considerar os seguintes elementos:

I – Dados de identificação (da escola, da disciplina):

Escola;

Disciplina (nome, carga horária);

Período letivo;

Professor(a).

II – Justificativa: este tópico do plano de curso deve responder à seguinte pergunta: qual a importância e o papel da matéria de ensino no desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos? Isto é, procurar responder três questões básicas do processo didático: o porquê, o para quê e o como.

III – Ementa: síntese do conteúdo da disciplina; consta do currículo do curso.

IV – Objetivos: aprendizagem esperada dos alunos no final da disciplina; podem ser elaborados em termos de objetivos gerais e específicos, ou só em termos de objetivos gerais.

V – Conteúdo programático: detalhamento da ementa em unidades de estudo, com distribuição do número de horas para cada unidade.

VI – Metodologia: descrição de como a disciplina será desenvolvida, especificando-se as técnicas de ensino e os recursos didáticos a serem utilizados.

VII – Recursos: relação dos recursos materiais e instrucionais que serão utilizados.

VIII – Avaliação da aprendizagem: descrição dos instrumentos e critérios a serem utilizados para verificação da aprendizagem do aluno.

IX – Bibliografia Básica: lista dos principais livros e outros materiais bibliográficos que abordam o conteúdo da disciplina; deve ser organizado de acordo com as normas da ABNT.

X – Cronograma: previsão dos assuntos e atividades para cada dia de aula; é um item opcional.

Plano de unidade

É a previsão das atividades a serem desenvolvidas pelo professor e pelos alunos em um tempo menor que a do plano de curso. A unidade didática caracteriza-se pela reunião de várias aulas que apresentam assuntos correlatos.

SAIBA MAIS

A formação competente dos alunos depende da qualidade de cada uma das aulas que estão sendo dadas; a qualidade de cada uma destas aulas depende diretamente do empenho do professor no seu preparo, na sua execução e na sua avaliação. É neste processo que os professores podem contar com o apoio do trabalho dos especialistas e coordenadores FUSARI(1984).

Plano de aula

Ao planejar uma aula, o professor deve prever a sequência e os procedimentos que ele irá desenvolver, no sentido de concretizar os conhecimentos previstos no plano de curso ou de unidade.

Uma das características básicas da aula deve ser a criatividade e a flexibilidade, ou seja, trata-se de um processo dinâmico e participativo, não sendo, portanto, totalmente previsível, o que requer do professor preparo, habilidade e bom senso para reagir a situações didáticas novas.

O plano de aula não pode ser um documento rígido, absoluto, pois uma das características do processo de ensino é a sua dinamicidade. Tendo em vista a ação intencional e sistemática desse processo, não se pode conceber a aula como atividade ao acaso, sem previsão, sem planejamento.

Ao planejar uma aula, o professor deve retornar ao plano de curso, reler os objetivos e a sequência dos conteúdos e unidades e, em seguida, poderá desenvolver os seguintes elementos do plano de aula:

- Elaborar os objetivos imediatos, isto é, redigir um ou mais objetivos específicos para o tópico, definindo os resultados esperados dos alunos em termos de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc;
- Especificar o conteúdo, isto é, relacionar o tópico da unidade a ser estudado e desdobrá-lo, considerando a sequência lógica do assunto;
- Definir os procedimentos metodológicos e organizar as atividades a serem desenvolvidas, como: exercício, tarefas práticas, etc.;
- Indicar os recursos que não serão utilizados na aula;
- Estabelecer como será a avaliação da aula, especificando os momentos dessa avaliação: no início, durante, e no fim, conforme as necessidades.

É recomendável que o professor ou professora conheça os tipos de aula para que possa melhorar a qualidade de seus registros, quer seja nos diários de classe, nos relatórios, ou até mesmo na definição de seu plano de ensino.

Para Nérici (1977), os tipos de aula são:

Aula de sondagem: para verificar o nível de conhecimento da turma acerca de um determinado conteúdo;

Aula de motivação: para despertar nos educandos a vontade de participar e aprender algo;

Aula de planejamento: organização de esquemas de trabalho cooperativo, em que professor e aluno planejam, juntos, a forma de aplicação de determinados conteúdos;

Aula de apresentação de matéria: utilizada para a introdução de conteúdos novos;

Aula de discussão: após o estudo de determinado assunto os alunos irão discuti-lo e cada um irá contribuir para o conhecimento do outro;

Aula de debate: os alunos irão defender seus pontos de vista sobre determinado assunto;

Aula de estudo dirigido: pesquisa por meio de um plano pré-elaborado. Pode ser individual ou em grupo;

Aula de demonstração ou prática: demonstração concreta de uma teoria por meio de atividades práticas. (experimentos);

Aula de exercícios: exercícios voltados para a fixação da aprendizagem;

Aula de recapitulação: revisão dos conteúdos aplicados;

Aula de avaliação: para verificar o rendimento obtido pelos alunos.

Ao ministrar uma aula o professor deverá tomar alguns cuidados a fim de não causar má impressão e desanimar os seus alunos. Assim, apresentamos algumas dicas que ele deve prestar atenção.

Não é aconselhável ao professor:

- Dar aula sentado ou conservar-se nesta posição durante a maior parte do trabalho escolar;
- Permanecer longo tempo num mesmo lugar, na frente ou no fundo da sala, junto à mesa ou ao quadro;
- Demorar os olhos num aluno ou num canto da sala, omitindo os demais;
- Dar explicações com o olhar perdido ou no espaço, olhando para o teto ou para as janelas;
- Aproximar-se do aluno que foi chamado ao quadro, ou para a leitura;
- Chegar atrasado às aulas, consultar frequentemente o relógio ou o celular, sair apressadamente;

- Consultar fichas ou apontamentos durante a aula, repetidamente;
- Rabiscar a mesa durante a aula.

“O movimento doutrinário, ideológico, caracteriza-se por sua denominação mais comum: Escola Nova, também Renovada, Ativa ou Progressista, conforme as vertentes de sua atuação. Contrapõe-se, pois, a concepções consideradas antigas, tradicionais, voltadas para o passado. Apresenta-se com tonalidade crítica, contestadora, revolucionária e seus escritos têm, muitas vezes, um tom panfletário, proselitista, talvez utópico. É caso de distinguir-se o significado de novo e de recente, pois o movimento declara, como precursores, todos aqueles que mesmo em outras eras atendem às condições da infância e poderiam entrar na fórmula consagrada de atender às crianças conforme seus interesses, por meio de suas Atividades de um ambiente de liberdade. Nova seria, sobretudo, a amplidão do movimento e sua roupagem moderna”. (Castro,1974).

O projeto didático

Desde que expressões tais como: “interdisciplinaridade” “transversalidade” e “Pedagogia de Projetos” tornaram-se comuns em nosso meio, todos os espaços educativos, especialmente as escolas, incorporaram em seu cotidiano os “projetos de ação pedagógica”.

Estes são comumente caracterizados como “Projetos Políticos Pedagógicos” de grande abrangência, também com diferentes modalidades de planos de ação. Os projetos didáticos são mais delimitados em seu tempo de duração e propósitos.

O projeto didático pautado nos princípios teóricos da Escola Nova, tendências progressistas, do construtivismo e do sociointeracionismo apresenta uma forma dinâmica, podendo-se dizer dialética, da organização/execução/aprendizagem. Abrindo espaço para mudanças, inclusões e eliminações tanto de atividades, quanto de enfoques previstos para o conteúdo ao longo do processo.

Muitas foram as contribuições teóricas sobre “projetos” de autores como John Dewey, Willian Kilpatrick, Piaget, Vygotsky, dentre outros, que suscitaram nas escolas a incorporação da metodologia de projetos, atualmente denominada Pedagogia de Projetos.

Deve-se o método de projetos, segundo Nérice (1977), a W.I. Kilpatrick, que, em 1918, inspirou-se em John Dewey e imaginou uma forma concreta de ensinar. Este método, segundo este autor, consiste em levar o educando individualmente ou em grupo a projetar algo, e diante

de uma situação problemática e concreta real buscar soluções práticas.

Mas o que entendemos por projeto? Segundo Caldeira (2002), a palavra projeto significa o que lança à frente ideias a serem transformadas em ação. Significa uma interação, uma proposta de ação a ser concretizada.

Assim, quando falamos de projeto de ensino, queremos referir-nos a uma proposta de ação didática, planejada para ser executada no cotidiano da sala de aula.

Segundo esta definição, o projeto é uma forma de ensinar e aprender de maneira integral, tão importante quanto as áreas do conhecimento, porque se aproxima da forma como o homem deve atuar na vida real: agindo positivamente na solução de seus problemas e participando ativamente da construção da sociedade e da cultura. Esta forma de agir pode ser aprendida na escola pelo uso dos projetos didáticos.

Para Bomtempo (2000), o projeto é uma metodologia de trabalho que visa organizar os alunos em torno de objetivos previamente definidos coletivamente por alunos e professores; apresenta um conjunto de procedimentos metódicos de média ou longa duração, com tarefas que atendem a um progressivo envolvimento individual e social do aluno, nas atividades empreendidas voluntariamente por ele e pelos colegas, sob a coordenação do professor.

Como podemos observar, essa maneira de agir evidencia uma postura mais condizente com a realidade contemporânea, que tende a ver nos conteúdos os instrumentos necessários para responder a questões formuladas pelos próprios alunos, diante de situações problemáticas.

Como diz Bordoni (2000), optar por um trabalho cooperativo, pela Pedagogia de Projetos, é efetivar uma escolha de postura educacional. É retirar do adulto as decisões sobre o quê, como e quando trabalhar o conteúdo, e compartilhá-los, discuti-los e organizá-los com o grupo. É permitir às crianças o sentido de aluno.

Mas, a mesma autora adverte: o fato de os projetos terem todo esse potencial não é garantia de sucesso. Se não houver um planejamento cuidadoso, previsão de recursos e, principalmente, interesse e compromisso por parte dos alunos, qualquer esforço pode resultar em desperdício.

Os projetos podem ser desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Segundo Nérice (1977), podem ser encontrados cinco tipos de projetos, quais sejam:

Projetos tipo construtivo: quando se propõe a realizar algo de concreto, que venha atender a alguma necessidade do meio, ou demonstrar a viabilidade de execução de algo novo;

Projetos tipo estético: quando se propõe a realizar algo que provoque satisfação estética, como é o caso de algo relacionado com a música, pintura, decoração, modelagem, etc.;

Projeto tipo aprendizagem: quando se propõe a levar o educando a adquirir conhecimentos e habilidades, ou a demonstrar, praticamente, a objetividade da teoria;

Projeto tipo social: quando se propõe a levar a efeito algo que reverta em benefício comunitário, notadamente de caráter assistencial;

Projeto tipo lazer: quando se propõe a oferecer, além de conhecimentos e habilidades, oportunidades de recreações, como é o caso de comemorações, festas, visitas, excursões, etc.

Para a elaboração de um projeto de aprendizagem, segundo Bomtempo (2000), podemos identificar quatro fases distintas:

1- Intenção:

O primeiro passo é a escolha do tema, que deverá levar em conta as características da escola, bem como as características e preferências da turma. Em segundo lugar, o professor deverá identificar o nível de conhecimento atual dos alunos, seus conhecimentos sobre o assunto (o que já sabem). E, finalmente, o levantamento das expectativas dos alunos, formulação das hipóteses e questões sobre o tema escolhido (o que queremos saber).

2 – Preparação e planejamento:

Após a definição do tema, nesta fase faz-se o planejamento ou preparação do projeto; é quando surgem as necessidades de se realizar várias atividades, tais como:

- Identificação de estratégias possíveis para atingir os objetivos propostos (como vamos saber);
- Coleta e relação do material bibliográfico;

- Organização dos grupos de trabalho e definição das atividades de cada grupo;
- Levantamento de estratégias (meios) para solucionar as questões e hipóteses levantadas na fase anterior;
- Planejamento de módulos de aprendizagem, para aprofundar e/ou sistematizar os conteúdos apontados como necessários ao bom desenvolvimento do projeto;
- Definição e duração do projeto;
- Planejamento da divulgação do projeto para outras turmas, administração da escola e outras pessoas ou entidades envolvidas.

3 – Execução ou desenvolvimento:

Esta é a fase de operacionalização das atividades levantadas na fase anterior; é a busca de respostas às questões e hipóteses levantadas.

Por isso, cada grupo deve planejar e executar suas atividades de maneira constante, dando satisfação aos demais sobre as dificuldades e progressos alcançados, possibilitando assim a cooperação dos diversos grupos na consecução dos resultados.

O papel do professor nesta fase é de estimulador, observador e criador de situações de aprendizagem significativas. Ambos (professor e aluno) precisam se sentir desafiados, a cada atividade.

4- Apreciação final:

Esta é a fase final do projeto, onde professor e alunos irão fazer uma apreciação sobre os resultados alcançados. O professor deverá avaliar os conteúdos que foram programados, oportunizar aos alunos que estes verbalizem seus sentimentos sobre o projeto: o que foi mais importante? O que foi novidade? Conseguimos aprender o que queríamos saber? Como foi a participação de cada um, quais as maiores dificuldades? Que aspectos podem ser melhorados para os próximos projetos? Quais os resultados mais importantes obtidos com a realização do projeto?

Sobre o planejamento do projeto didático, sem o intuito de fornecer um modelo pronto ou uma receita, sugerimos alguns elementos considerados necessários para a feitura do projeto:

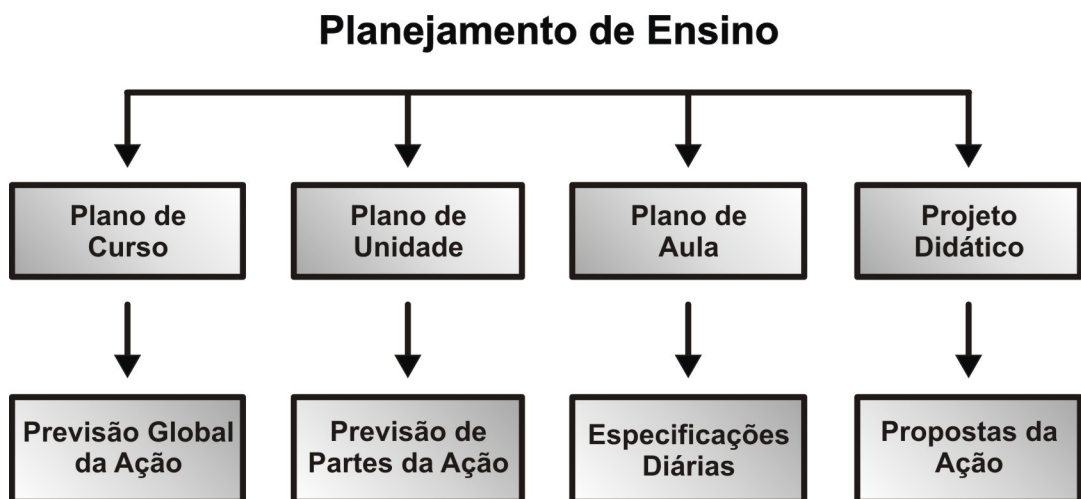
SAIBA MAIS

Para mais informações, consultar as seguintes obras de Celso dos Santos Vasconcelos, "Planejamento Projeto de Ensino Aprendizagem; e Projeto Político-Pedagógico: elementos metodológicos para elaboração e realização.

- Dados de identificação;
- Justificativa/ou introdução;
- Problematização;
- Objetivos;
- Conteúdos;
- Desenvolvimento;
- Recursos (materiais instrucionais e recursos físicos e financeiros, quando for o caso);
- Tempo de duração (ou período de realização);
- Avaliação;
- Bibliografia.

Finalmente, podemos concluir que a adoção da metodologia de projetos por si só não assegura o desenvolvimento de um bom ensino e aprendizagem. Mas a prática contínua, com um processo de organização, orientação, reflexão e avaliação da ação docente, possibilita ao professor aplicar, concretamente, o que aprendeu na teoria; ganhar experiência; adquirir novos conhecimentos ao lidar com as situações reais do ensino; criar e recriar a sua própria didática, rumo a uma educação de qualidade no nível de ensino em que atua.

O gráfico a seguir apresenta uma síntese dos tipos de planejamento de ensino ou didático:



Fórum 04



Disciplina: Didática Geral

Unidade: III

Fórum 4 – Obrigatório

Refleta e elabore um texto sobre a questão abaixo:

- Como você julga a elaboração do Planejamento Educacional nas escolas públicas da sua cidade? Há participação dos professores? Trata-se de processo coletivo de construção? Que fatores podem facilitar a construção participativa dos projetos nas escolas?

Procure conversar com pessoas da área educacional que atuam no ensino básico e levante dados para sua reflexão.

Deposite seu texto no Fórum 4, e analise também uma reflexão de um colega do seu curso.

Exercícios Propostos 07



Disciplina: Didática Geral

Unidade: III

Atividade 7 – Obrigatória

Responda às seguintes questões:

1º - Enumere por ordem hierárquica os níveis de planejamento educacional.

2º - Caracterize o planejamento curricular.

3º - Conceitue, com suas palavras, planejamento de ensino.

4º - Descreva os elementos que compõem o plano de curso e o plano de aula.

Coloque as suas respostas na Base de Dados – Atividade 7.



Dica de Filme

Para saber mais assista aos vídeos:

O Projeto Político-Pedagógico: conceitos e significados (Ensino Médio – fazendo escola) – parte 1;

O Projeto Político-Pedagógico: conceitos e significados (Ensino Médio – fazendo escola) – parte 2.

Para assistir a esses e outros vídeos, acessar diretamente o site: [HTTP://www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

UNIDADE 04

**Processo de Organização
do Trabalho Docente**



4

PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

“Planejar é estudar seriamente um problema”.

O PLANEJAMENTO DE ENSINO E SUA IMPORTÂNCIA NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Todos já ouvimos falar, e talvez alguns de nós, certamente, também já tenhamos destacado a importância do planejamento na organização do trabalho na escola.

Em diferentes momentos e lugares em que a educação se desenvolve somos solicitados a apresentar algum tipo de documento que expresse o planejamento do trabalho a ser desenvolvido. Seja a proposta pedagógica da instituição, o plano de curso, o plano de aula, enfim, a necessidade de se trabalhar de forma planejada sempre foi uma constante e continua fortemente presente no interior da escola.

Também, como já vimos na unidade anterior, no âmbito dos sistemas de ensino encontraremos a demanda pelo planejamento do trabalho a ser desenvolvido, desde o Plano Nacional de Educação com suas metas e diretrizes, até os planos elaborados pelos sistemas de ensino nos estados e municípios.

Mas, afinal, do que estamos falando quando nos referimos ao planejamento? Planejamento e Plano é a mesma coisa? Ou em que se aproximam e se distinguem em termos conceituais?

Planejamento de ensino e seus significados

Nesta unidade trabalharemos com os elementos constitutivos das

modalidades de planos de ensino, mais aplicados nas salas de aula, nas suas versões de: plano de curso, plano de unidade, plano de aula e projeto didático. Com enfoque nos elementos objetivos, conteúdo, metodologia e procedimentos, visto que a avaliação e recursos didáticos são objetos de outras disciplinas.

Uma das tarefas básicas do trabalho docente em qualquer nível de ensino é o Planejamento de Ensino. De acordo com Libâneo (1994, p.72)

(...) para que o professor possa atingir efetivamente os objetivos (educativos) é necessário que realize um conjunto de operações didáticas coordenadas entre si. São o planejamento, a direção do ensino e da aprendizagem e a avaliação. Cada uma delas desdobrada em tarefas ou funções didáticas, mas que convergem para a realização do ensino propriamente dito, ou seja, a direção do ensino e da aprendizagem.

Neste sentido, planejar o ensino significa o processo de tomada de decisão a respeito do “para quê”, “do quê” e “como” ensinar, e do “como” avaliar. Tomar decisões ao planejar uma disciplina, por exemplo, constitui-se num ato contínuo de escolha de objetivos educacionais, conteúdos (conhecimentos), metodologias (estratégias e procedimentos) e avaliação, buscando, entre alternativas, o melhor caminho que conduz com segurança ao processo do ensinar e aprender.

Portanto, planejar o ensino é uma ação do professor e visa ao direcionamento, metódico e sistemático, das atividades a serem desempenhadas junto aos alunos para alcançar os objetivos pretendidos.

Entretanto, este processo não é tão simples. Estudos já realizados mostram que entre os problemas do ensino atual, em todos os níveis, está a falta de um planejamento adequado ou até mesmo o não planejamento.

A questão do planejamento não pode ser compreendida de maneira desvinculada da especificidade da escola, da competência técnica e compromisso político do professor e, ainda, das relações entre escola, educação e sociedade.

O texto de José Carlos Fusari poderá contribuir para aclarar um pouco onde está o problema central do planejamento de ensino, ao tempo em que nos ajudará a estabelecer a diferença entre planejamento e plano, e visualizar a conceituação de planejamento de ensino.

Planejamento escolar não é um ritual burocrático

Texto de José Cerchi Fusari

A democratização da educação escolar é um processo que não pode ser feito de forma improvisada, desarticulada e assistemática. Quando se fala em ensino de qualidade, em socialização do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da história, e em criação de um novo saber, são necessários alguns procedimentos, entre eles a recuperação do processo de planejamento individual e coletivo dos professores (além, é claro, de um rigoroso trabalho de preparação das aulas). O contato direto com os professores, no entanto, tem revelado certa insatisfação, descrença e até desprezo pelo planejamento.

É frequente ouvir-se falas do tipo: "Vivo no improviso e é impossível planejar o trabalho docente", ou "Transcrevo o planejamento do ano anterior, acrescento algumas coisas, entrego e pronto. Cumpri a minha obrigação", e também: "Acho importante, mas é uma coisa tecnicista e mecânica que nada tem a ver com a realidade da sala de aula".

Como já foi dito, essas são situações comuns. Mas não basta constatá-las. É preciso perguntar por que os professores veem o planejamento dessa maneira e como é possível superar essa visão e recuperá-lo como algo indispensável para a prática social docente.

Existe certa confusão entre planejamento escolar e os planos de curso (anual, semestral, bimestral), o que, muitas vezes, leva o professor a encarar o planejamento como algo que atrapalha mais do que ajuda na melhoria da qualidade do ensino. Nesse sentido, é importante ressaltar que o planejamento é um processo de trabalho e os planos são documentos, papéis onde se registra esse processo. Planejamento e plano são coisas diferentes, que se complementam e interpenetram no cotidiano da prática dos professores.

O planejamento docente joga a favor da democratização da educação escolar, implica em ação-reflexão-ação, coloca o professor como sujeito da prática de ensino e não como um mero acessório. Como processo, começa antes do primeiro contato com os alunos, inclui o início e o trabalho docente ao longo do ano letivo e vai além do seu encerramento – quando o professor analisa o que ocorreu durante o período. Nesse sentido, o planejamento é, antes de tudo, uma atitude crítica dos mestres diante de seu próprio trabalho.

Como articulação dinâmica entre o fazer, o refletir e o sentir, o

planejamento é um forte aliado contra o ativismo que frequentemente toma conta do cotidiano escolar e que transforma o professor em uma máquina de dar aulas e executar tarefas, às vezes, sem consciência do significado da mesma. É um processo que envolve discussão de questões básicas – e muitas vezes esquecidas – como a responsabilidade da educação escolar, os princípios e objetivos da escola e os compromissos dos professores com essas definições. Implica saber quem são os alunos, o que eles esperam da escola e se seus conteúdos trabalhados estão adequados aos jovens, às expectativas e aos objetivos propostos.

Planejamento significa, também, articular conteúdos, métodos, técnicas e recursos de ensino. É garantir uma relação profissional entre o professor e seus alunos, tanto na hora de dar as aulas como nos momentos de avaliação.

O planejamento é, portanto, diferente do chamado plano de ensino. Este é um documento que registra tecnicamente (mas sem tecnicismo) aquilo que será desenvolvido num determinado tempo, com um determinado grupo de educandos. O plano precisa, sempre, responder as perguntas "o quê?", "para quê?", "como?", e "quando?". E, seja anual, semestral ou bimestral, deve registrar aquilo que foi conhecido no planejamento: os objetivos, conteúdos, métodos, técnicas e procedimentos para avaliação dos alunos (lembrando que nada disso é neutro).

A elaboração, o desenvolvimento e a crítica dos planos de ensino são momentos do processo de planejamento global escolar e representam a vivência concreta do currículo escolar. O mais importante, portanto, não é o ato de preencher formulários, documentos padronizados onde estão pré-determinados os centímetros quadrados que cada um dos elementos do plano deve ocupar. A montagem dos planos precisa ser vista como uma atividade competente e criativa, uma forma de restaurar o processo coletivo de reflexão dos educandos – professores. Uma coisa que só pode acontecer no interior da unidade escolar – local da prática educativa, onde a essencialidade do trabalho de ensino e de aprender devem ser avaliadas. Isso significa dar um outro sentido aos encontros de planejamento: em vez de um ritual burocrático, deve ser um momento privilegiado para o educador retomar seu profissionalismo, redimensionar sua prática e decidir sobre os seus próprios caminhos e os da educação.

FUSARI, J.C. O planejamento não é um ritual burocrático. Sala de aula. São Paulo, 1989.

As fases do planejamento de ensino:

O ponto de culminância do processo de planejamento é o plano didático, que assume a forma de um documento escrito no qual são consignadas as conclusões do processo de previsão das atividades docentes e discentes que serão desenvolvidas ao longo de um período.

Segundo Turra (1975), o professor, ao planejar o ensino, antecipa, de forma organizada, todas as etapas do trabalho docente. Cuidadosamente, identifica os objetivos que pretende alcançar, seleciona os conteúdos que serão desenvolvidos, indica as estratégias que utilizará como forma de agir, e, ainda, especifica os instrumentos que usará para avaliar o progresso dos alunos.

Neste sentido, segundo Haydt (2006), planejar é:

- Analisar as características da clientela (aspirações, necessidades e possibilidades);
- Refletir sobre os recursos disponíveis;
- Definir os objetivos educacionais considerados mais adequados para a clientela em questão;
- Solucionar e estruturar os conteúdos a serem assimilados, distribuindo-os ao longo do tempo disponível para seu desenvolvimento;
- Prever e organizar os procedimentos do professor, bem como as atividades e experiências de construção do conhecimento consideradas mais adequadas para a consecução dos objetivos estabelecidos;
- Prever e escolher os recursos de ensino mais adequados para estimular a participação dos alunos nas atividades de aprendizagem;
- E prever os procedimentos de avaliação mais condizentes com os objetivos.

As fases do planejamento podem ser sintetizadas em três momentos: preparação, desenvolvimento e aperfeiçoamento. Na visão de Turra (1975), estas fases são praticamente visualizadas da seguinte maneira:

Conforme dissemos, trabalharemos separadamente os elementos constitutivos dos planos de ensino. Neste sentido, iniciaremos estudando os objetivos educacionais.

OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Entendemos por objetivos educacionais as metas definidas com precisão ou os resultados previamente determinados que o professor pretende atingir após o processo de ensino.

O momento de elaboração ou formulação dos objetivos instrucionais é a oportunidade em que o professor determina o que é prioritário, relevante, irrelevante, dispensável, útil ou inútil para constar no seu plano de ensino.

Este é um dos momentos mais importantes de sua preparação para entrar em sala de aula, pois os objetivos irão nortear todo o seu trabalho, conseqüentemente, facilitar a aprendizagem do aluno.

Muitas são as definições que encontramos na literatura e no ideário dos professores sobre o que é objetivo. Assim, temos:

- Princípios que norteiam a prática educativa como um todo;
- Metas a serem atingidas para além do ambiente escolar;
- Ponto de partida para a construção do planejamento, ou ainda, os resultados desejados e previstos para a ação educativa.
- Resultados que o educador espera alcançar com a atividade pedagógica.

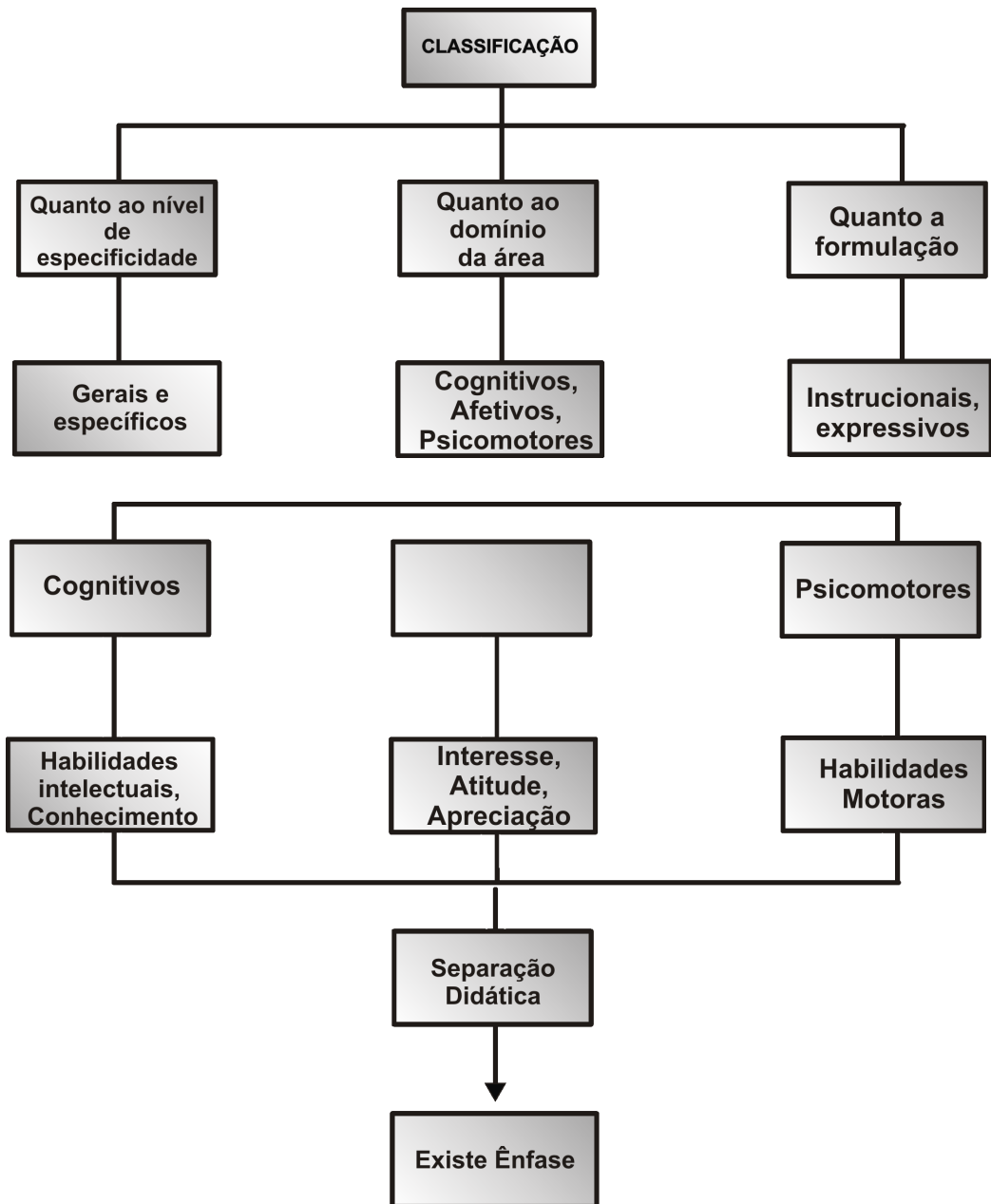
Para Libâneo (1992), os objetivos educacionais expressam, portanto, propósitos definidos explícitos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade.

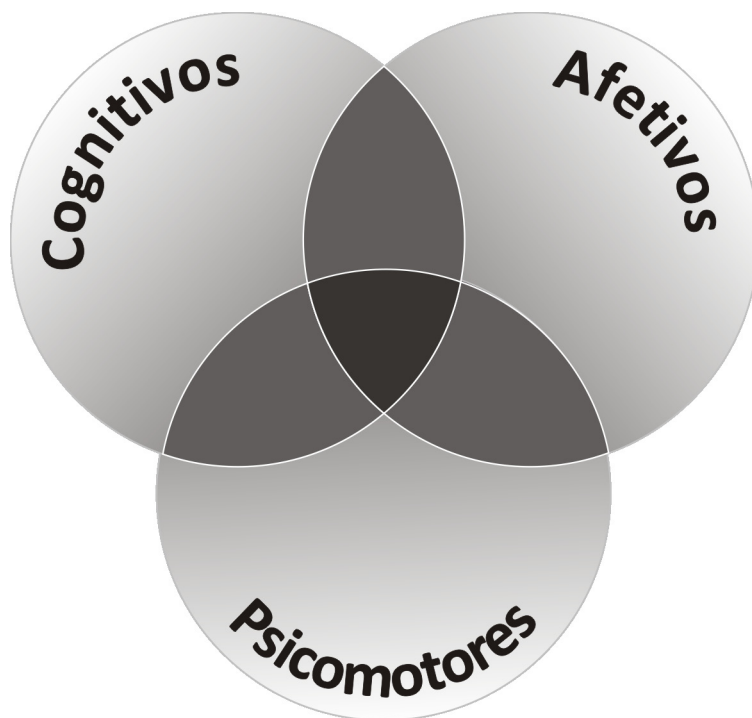
Libâneo enfatiza que podemos dizer que não há prática educativa sem objetivos, sendo que os objetivos educacionais se baseiam em três referências para a sua formulação:

Classificação dos objetivos

Os objetivos educacionais podem ser classificados:

- Quanto às áreas de aprendizagem ou domínio do conhecimento;
- Quanto ao nível de especificidade;
- Quanto à formulação.





Os objetivos da área cognitiva são os que compreendem os conhecimentos, informações e/ou as capacidades intelectuais. É talvez o domínio mais valorizado nas escolas no ensino básico. Os objetivos do domínio afetivo compreendem aqueles relacionados aos sentimentos, valores, emoções, gostos ou atitudes. Por serem difíceis de ser elaborados e avaliados, muitas vezes não são expressos nos programas oficiais, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio. Já os objetivos do domínio motor dizem respeito ao desenvolvimento das habilidades motoras ou musculares.

Função dos objetivos gerais e específicos:

Como vimos, os objetivos quanto ao nível de especificidade podem ser expressos em dois níveis:

- **Objetivos gerais:** são os objetivos expressos para um determinado nível de ensino, para uma escola ou para uma área de estudos, pois serão alcançados em um período de tempo mais longo, um ano ou semestre letivo;

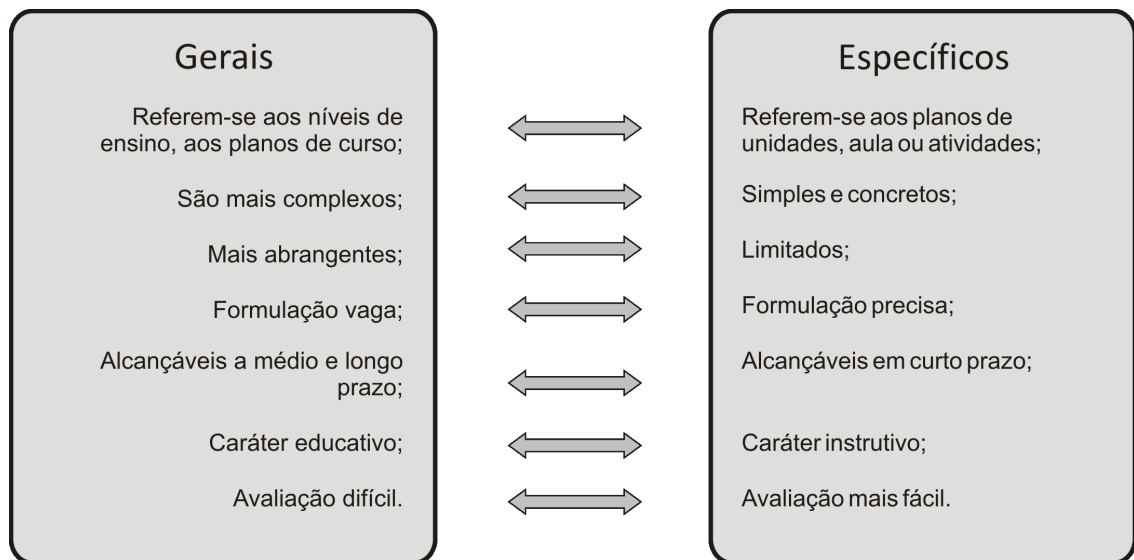
- **Objetivos específicos:** são os objetivos redigidos, especificamente, para uma aula ou unidade didática; decorrem do desdobramento ou operacionalização dos objetivos gerais.

Quando bem formulados, os objetivos específicos ajudam o professor a definir os procedimentos de ensino e a organizar as experiências de aprendizagem mais significativas que irão possibilitar o alcance desses objetivos.

Neste sentido, podemos diferenciar objetivos gerais dos objetivos específicos, considerando as seguintes características:

Podemos dizer que os objetivos gerais fornecem as diretrizes para a ação educativa como um todo. Já os objetivos específicos norteiam, de forma direta, todo o trabalho do professor no processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, segundo Haydt (2006), os objetivos específicos apresentam as seguintes funções:



- Definir os conteúdos a serem aprendidos pelo aluno;
- Estabelecer os procedimentos ou estratégias de ensino e selecionar as experiências de aprendizagem;
- Determinar o quê e como avaliar o progresso do aluno;
- Fixar padrões e critérios para avaliar o próprio trabalho docente;
- Comunicar os seus propósitos de ensino aos alunos, pais e à escola.

Formulação dos objetivos

Dissemos anteriormente que os objetivos são os guias de todo o processo de ensino e da aprendizagem. Por isso, ao redigi-los o professor deve ter o maior cuidado quanto às palavras que irá usar para expressar os resultados que ele pretende alcançar. Palavras vagas ou ambíguas não contribuirão para o trabalho docente.

Ao formular o objetivo o professor deve ser claro e breve. Deve redigir uma oração completa que descreva a intenção em termos de resultados do processo de ensino que ele pretende atingir.

Neste processo de formulação dos objetivos, o professor deverá observar palavras que conduzam à obtenção de operações mentais simples, iniciando com um verbo de ação, verbos que expressem, claramente, o comportamento esperado do aluno, como: listar, identificar, reconhecer, usar, reproduzir, grifar, citar, escrever. Mas também existem outras palavras que expressam operações mais complexas, como: comparar, analisar, justificar, compreender, reconhecer. Com isso, queremos dizer que o professor deve ter clareza nos seus propósitos para ser suficientemente compreendido por ele e por seus alunos, sem, contudo, prender-se a fórmulas prontas ou modelos pré-determinados de forma rígida.

Assim, ao redigir o objetivo o professor deve iniciar a oração com um verbo no infinitivo, por exemplo: apontar (num gráfico, num mapa), localizar, desenhar, nomear, destacar, distinguir, demonstrar, classificar, utilizar, organizar, listar, mencionar, formular, identificar, enumerar, etc. Devem ser evitados, principalmente nos objetivos específicos, verbos tais como: saber, entender, acreditar, pois não deixam muito claro o que se pretende comunicar. São abertos a muitas interpretações.

A seguir, descreveremos algumas sugestões apontadas por Haydt (2006) sobre a formulação de objetivos instrucionais, isto é, os objetivos relacionados diretamente ao trabalho desenvolvido pelo professor e pelo aluno em sala de aula:

1. Desdobrar os objetivos gerais em vários objetivos específicos a serem alcançados em curto prazo.

Ex: **Objetivo geral:** Desenvolver a atitude científica, compreendendo método científico como forma de solução de problema.

OBSERVAÇÃO

A formulação de objetivos é um trabalho que se desenvolve em ritmo lento, e cujos efeitos não fazem sentir de imediato, mas em longo prazo. Exige do professor fé na sua eficácia, criatividade, habilidade, conhecimento e paciência. Tudo isso é tanto mais verdade quanto menos familiarizado está o professor com essa atividade de redigir objetivos. (Abreu, 1990).

Objetivo específico: Caracterizar as etapas do método científico.

2. Formular objetivos instrucionais relevantes e úteis, isto é, que envolvam não apenas conhecimentos (memorização e informação), mas também, e principalmente, habilidades cognitivas e operações mentais superiores.

Exs: - Relacionar as etapas do método científico;
- Aplicar o método científico na solução de um problema.

Podemos observar que ambos objetivos estão corretos em termos de formulação, mas o segundo é mais relevante.

3. Focalizar o comportamento do aluno e não o do professor.

Exs: - **Errado:** Ensinar ao aluno o conceito de planejamento de ensino;
- **Errado:** Desenvolver no aluno a capacidade de comunicação oral;
- **Certo:** Desenvolver a capacidade de comunicação oral;
- **Certo:** Conceituar planejamento de ensino.

4. Formular cada objetivo de modo que ele descreva apenas um comportamento por vez.

Ex: - **Errado:** Citar e caracterizar os níveis de planejamento na área de educação.

- **Certo:** Caracterizar os níveis de planejamento na área de educação; ou citar os níveis de planejamento na área da educação.

5. Formular o objetivo em termos de resultado de aprendizagem e não listagem do conteúdo.

Ex: - **Errado:** Didática: objeto de estudo e dimensões.
- **Certo:** Descrever o objeto de estudo da Didática ou
Caracterizar as dimensões da competência do professor.

6. Formular o objetivo em termos de resultados de aprendizagem e não em termos de processo.

Ex : - **Errado:** Realização de entrevista com professor de rede pública.

- **Certo:** Realizar uma entrevista com professores da rede pública de ensino municipal.

CONTEÚDOS CURRICULARES

A seleção e organização dos conteúdos curriculares constituem-se em um dos pontos mais relevantes do planejamento de ensino, caracterizando-se como uma tarefa difícil, exigindo muito conhecimento da matéria a ser lecionada pelo professor.

Para que os conteúdos sejam fixados de forma a proporcionar os resultados mais significativos, estes devem ser criteriosamente selecionados e organizados. Porém, antes de falarmos em seleção de conteúdos, estudaremos o que é conteúdo curricular. Destacaremos três conceitos de autores renomados que nos indicarão com maior clareza o que é, de fato, conteúdo curricular.

Libâneo (1992) descreve conteúdos de ensino como o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na prática de vida. Segundo o autor, entende-se por:

Conhecimentos: conceitos e termos fundamentais da ciência; fatos e fenômenos da ciência e da atividade cotidiana; leis fundamentais que explicam as propriedades e as relações entre objetivos e fenômenos da realidade; métodos de estudo da ciência e a história de sua elaboração; e problemas existentes no âmbito da prática social.

Habilidades: qualidades intelectuais necessárias para a atividade mental no processo de assimilação de conhecimentos.

Hábitos: modos de agir relativamente automatizados que tornam mais eficaz o estudo ativo e independente.

Atitudes: convicções, modos de agir, de sentir e de posicionar-se frente a tarefas, à tomada de posição e a decisões pessoais em situações concretas.

Para Walter Garcia (apud Haydt, (2006), conteúdo é tudo aquilo que é passível de integrar um programa educativo com vista à formação das novas gerações. Um conteúdo pode referir-se a conhecimentos, atitudes, hábitos etc.

Haydt (2006) sintetiza essas ideias e diz que o conteúdo é o conhecimento, sistematizado e organizado, de modo dinâmico, sob forma de experiências educativas.

OBSERVAÇÃO

Os conteúdos devem ser elaborados numa perspectiva de futuro, uma vez que contribuem para a negação das ações sociais vigentes, tendo em vista a construção de uma sociedade verdadeiramente humanizada.



Critérios de seleção dos conteúdos curriculares

Ao selecionar os conteúdos curriculares o professor deve utilizar critérios que lhe permitam escolher os conteúdos mais adequados aos interesses e às condições de sua clientela.

Assim, conforme nos apresenta Haydt (2006), o professor poderá usar os seguintes critérios de seleção dos conteúdos curriculares:

1- Validade

Deve haver uma relação clara e nítida entre os objetivos a serem atingidos com o processo de ensino e os conteúdos trabalhados.

Para serem considerados válidos os conteúdos devem estar inter-relacionados com os objetivos pretendidos, e precisam estar atualizados, isto é, revisados do ponto de vista científico.

2 - Utilidade

Os conteúdos podem ser considerados úteis quando existe a possibilidade de o aluno aplicar os conhecimentos adquiridos em situações

novas. Além disso, os conteúdos precisam estar adequados às exigências e condições do meio em que os alunos vivem, e que esses conteúdos satisfaçam suas necessidades e expectativas, isto é, tenham valor prático para eles.

3 - Significação

Um conteúdo será significativo quando estiver relacionado às experiências vividas pelo aluno.

4 - Adequação ao nível de desenvolvimento do aluno

O conteúdo selecionado pelo professor deve respeitar o grau de maturidade intelectual do aluno e estar no nível de suas estruturas cognitivas.

O professor deve levar em consideração:

- Condições socioeconômicas;
- Faixa etária dos alunos;
- Aspirações pessoais e profissionais;
- Hábitos de estudo;
- Conhecimentos anteriores;
- Motivação para estudar a matéria.

5 – Flexibilidade

Este critério pode ser considerado adequado quando o conteúdo apresentar possibilidade ao professor de fazer alterações, adaptações, renovações ou enriquecimento, a fim de atender às necessidades de sua classe.

Adequação ao tempo disponível- ao selecionar um conteúdo o professor deve considerar o tempo que ele disporá para o desenvolvimento das atividades, isto é, observar a carga horária da disciplina ou duração da sua aula.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO

"O vento é o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha."

(Cecília Meireles)

Métodos e Técnicas de Ensino: considerações iniciais

Na era da tecnologia, diz-se que a educação talvez seja um dos setores da atividade humana que menos se capacitou em técnicas, o que supõe dizer que o preparo do professor para exercer a docência tem sido muito tradicional.

O processo de ensino e aprendizagem, complementando o estudo e a discussão de conteúdos relevantes, requer a utilização de métodos e técnicas modernas, dinâmicas, adequadas a cada situação e a cada conteúdo.

Contudo, nem sempre tem sido fácil ao professor apropriar-se desses métodos e dessas técnicas, bem como apropriar-se de técnicas que melhor se adaptem a dada atividade, embora esteja consciente dessa necessidade.

De qualquer forma, quem se dedica ao campo da educação e, mais especificamente, ao campo do ensino, necessariamente, deverá dominar e usar bem os principais métodos e técnicas de ensino.

Neste sentido, indaga-se:

- O que é método?
- O que é técnica?
- O que é método de ensino?
- O que é metodologia de ensino?

Método

É um roteiro geral para o desenvolvimento da atividade;

Situa-se na linha do pensamento, da orientação, indicando as grandes linhas da ação, sem operacionalizá-las (quem operacionaliza é a técnica);

É o caminho que leva a certo ponto de chegada (atenção: é só o caminho; não é o veículo);

É o caminho para atingir um objetivo, isto é, organização de uma sequência de ações para atingi-lo.

Técnica

- É a forma de ação, instrumento; é a operacionalização concreta da ação (é o veículo de chegada);
- É a forma concreta de proceder, sendo que cada disciplina ou cada situação pode exigir técnica diferenciada.

Método de ensino

- São ações, passos e procedimentos vinculados ao método de reflexão, compreensão e transformação da realidade que, sob orientação didática, asseguram o encontro formativo entre alunos e as matérias de ensino;
- São as ações do professor, pelas quais se organizam as atividades de ensino, e dos alunos, para atingir os objetivos propostos.

Metodologia de ensino

É o conjunto de métodos e técnicas utilizadas a fim de que o processo de ensino e aprendizagem se realize com êxito (objetiva direcionar a aprendizagem do aluno). Supõe que seja escolhida conforme as pessoas e as situações vividas.

Recomenda-se, pois, que a escola deva não só respeitar, mas, principalmente, propiciar condições adequadas ao desenvolvimento cognitivo do aluno, através de uma metodologia ativa, construtiva, que exija do mesmo: ação, interação, pesquisa intelectual, ação socializada. Sintetizando, afirma-se, assim, uma metodologia viva, construtiva. Para isso, exige-se um professor comprometido, dinâmico, logo, também procedimentos didáticos ativos, tais como: pesquisas, jogos, problemas, experimentações, debates, trabalhos em grupo, dentre outros.

Classificação dos métodos quanto à atividade:

Os métodos, conforme a atividade a que se propõem, podem ser considerados sob diferentes aspectos:

- a) Individualizados;
- b) Socializados;

c) Socioindividualizados.

a) **Métodos individualizados:** são aqueles que valorizam o atendimento às diferenças individuais e fazem a adequação do conteúdo ao nível de maturidade, à capacidade intelectual e ao ritmo próprio de aprendizagem de cada aluno, considerando-o individualmente. Entre estes estão os trabalhos com fichas didáticas, o estudo dirigido e o ensino programado.

b) **Métodos socializados de ensino:** são os métodos que valorizam a interação social, fazendo a aprendizagem efetivar-se em grupo, incluem as técnicas de trabalho em grupo, a dramatização e o estudo de casos.

c) **Métodos socioindividualizados:** são os que combinam as duas atividades, a individualizada e a socializada, alterando em suas fases os aspectos individuais e sociais. Abordam, entre outros, o método de problemas, as unidades de trabalho, as unidades didáticas e as unidades de experiência.

Critérios de seleção dos procedimentos de ensino:

O professor, ao organizar as situações de aprendizagem, deve estar atento ao fato de que cada atividade proposta, realizada, possa contribuir para aproximar o aluno, cada vez mais, do resultado esperado. Desse modo, ao escolher um procedimento de ensino, deve considerar como critérios básicos os seguintes aspectos:

- a) Análise das condições de ensino e aprendizagem;
- b) As características dos alunos, como, por exemplo, sua faixa etária, o nível de desenvolvimento mental e suas expectativas;
- c) Os objetivos que procura atingir;
- d) Os fundamentos psicológicos do método;
- e) A concepção de educação adotada pelo professor;
- f) As condições físicas e o tempo disponível.

Considerações finais

A utilização e a variação de métodos e técnicas, sem dúvida,

facilitarão a condução do processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor propiciar situações que levem o aluno a se sentir motivado, desafiado a aprender, a buscar, a pesquisar, a procurar respostas alternativas para as diversas situações propostas.

Na verdade, é como comenta Schmitz (1993: p. 139): "A aprendizagem é uma viagem sem fim, embora com paradas e mesmo mudanças de rumo, mas sempre em direção ao objetivo desejado ‘(...)’". Logo, o método e a técnica a serem adotados dependem das circunstâncias, requerem prudência do professor, visto que não existe o método melhor nem o pior, a técnica melhor nem a pior, existem, sim, os adequados e os inadequados. Ambos (métodos e técnicas) são significativos e, igualmente, são aspectos relevantes que permitem viabilizar a execução do ensino na perspectiva de uma aprendizagem eficaz, real e significativa para o aluno.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DISCIPLINA: DIDÁTICA PROFESSOR: Eudoxio Soares Lima Verde PLANO DE AULA TEMA: Aula Expositiva				
				DURAÇÃO: 40 Minutos
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	METODOLOGIA	RECURSOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> ■ Conceituar aula expositiva; ■ Analisar as críticas, vantagens e propósitos da aula expositiva; ■ Descrever as etapas da aula expositiva; ■ Determinar os aspectos importantes na realização na comunicação oral 	AULA EXPOSITIVA <ul style="list-style-type: none"> ■ Concepções; ■ Críticas vantagens; ■ Estilo de exposição ■ Etapas de exposição ■ Aspectos importantes da comunicação oral. 	Aula Expositiva <ul style="list-style-type: none"> ■ Breve comentário sobre a aula anterior; ■ Apresentação do plano de aula; Exposição sobre o tema com auxílio do retroprojeter Resumo dos pontos importantes da aula 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Retroprojeter; ■ Transparências 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Observar a participação durante a aula; ■ Questionamento sobre o tema exposto
BIBLIOGRAFIA: GODOY, Arilda Schmidt. Didática para o ensino superior. S. Paulo; Iglu Editora, 1988. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Técnicas de ensino: por que não Campinas SP, Papyrus.1991.				



Exercícios Propostos 08

Disciplina: Didática Geral

Unidade: IV

Atividade 8 - Obrigatória

Classifique os objetivos abaixo relacionados, indicando a qual domínio (ou área afetiva, cognitiva ou motora) da aprendizagem pertence cada um. Coloque A para afetiva, C para cognitiva e M para motora:

- 01) Construir uma maquete utilizando material de sucata.
- 02) Formular o enunciado de um problema com a operação de divisão.
- 03) Desenvolver a atitude de respeito e de solidariedade com os colegas de classe.
- 04) Elaborar um cartaz de cunho educativo para divulgar noções de higiene.
- 05) Criar diálogos imaginários entre objetos.
- 06) Respeitar regras estabelecidas.
- 07) Respeitar opiniões divergentes.
- 08) Digitar textos, convites e cartazes.
- 09) Efetuar a adição de números de dois algarismos com transporte.
- 10) Manejar, conforme instruções, o retroprojetor.
- 11) Explicar, na estrutura feudal, qual a relação suserano-vassalo.
- 12) Treinar os fundamentos do voleibol.
- 13) Adotar atitude de respeito às autoridades democraticamente constituídas.
- 14) Participar de campanhas educativas.
- 15) Elaborar um plano de curso.

Exercícios Propostos 09



Disciplina: Didática Geral

Unidade: IV

Atividade 9 – Obrigatória

Classifique os objetivos abaixo relacionados quanto ao NÍVEL DE ESPECIFICIDADE, colocando G ou E no espaço em branco, conforme sejam GERAIS ou ESPECÍFICOS.

- 1) Analisar referências teóricas que auxiliem na fundamentação, conceituação e caracterização da metodologia da área de Ciência e Matemática.
- 2) Vivenciar métodos adequados ao processo de ensino e aprendizagem a serem desenvolvidos com alunos do 3º grau.
- 3) Caracterizar os diversos tipos de planos didáticos.
- 4) Desenvolver a habilidade de comunicação oral.
- 5) Executar ações didático-pedagógicas em situações concretas de ensino e aprendizagem no ensino fundamental.
- 6) Citar as fases do planejamento de ensino
- 7) Diferenciar objetivos gerais de objetivos específicos.
- 8) Analisar as contribuições do curso de Pedagogia para a formação do professor do ensino fundamental.
- 9) Elaborar itens de teste.
- 10) Treinar habilidades técnicas de ensino adequadas à prática do magistério.
- 11) Refletir sobre a importância do estudo da avaliação da aprendizagem para profissionais da educação.
- 12) Discutir os problemas de avaliação da aprendizagem no ensino fundamental.
- 13) Elaborar um plano de aula.
- 14) Definir objetivos.
- 15) Analisar as políticas nacionais e estaduais de atendimento às pessoas com deficiência.
- 16) Caracterizar a dimensão técnica da Didática.
- 17) Listar critérios de seleção de conteúdos.
- 18) Discutir as tendências pedagógicas liberais e progressistas e suas implicações na práxis educativa.
- 19) Analisar diferentes abordagens da pesquisa pedagógica, identi-

- ficando características e etapas do processo de investigação.
- 20) Demonstrar habilidades para ler oralmente.
 - 21) Identificar conjunto vazio.
 - 22) Efetuar a operação de adição no conjunto dos números naturais.
 - 23) Exemplificar fenômenos isótopos.
 - 24) Exemplificar os fundamentos necessários à aprendizagem do voleibol.
 - 25) Fazer distinção entre técnicas de treinamento para atletas fundistas.
 - 26) Enumerar características da escola romântica.
 - 27) Analisar desempenho ético-filosófico do sistema educacional do país.
 - 28) Identificar os principais produtos agrícolas da microrregião de Teresina.
 - 29) Fazer análise, morfológica e sintática, das palavras retiradas do texto.
 - 30) Classificar os elementos da tabela periódica quanto à eletroafinidade.
 - 31) Desenvolver um método de alfabetização de adulto.



Exercícios Propostos 10

Disciplina: Didática Geral
Unidade: IV
Atividade 10 – Obrigatória

1. Alguns objetivos listados abaixo estão formulados de maneira errada, faça a correção dos mesmos, elaborando novos objetivos:

- a) Ensinar ao aluno o conceito de Didática;
- b) Citar e caracterizar os planos de ensino e/ou didático;
- c) Didática: objeto, estudo e dimensões;
- d) Desenvolver no aluno a capacidade de comunicação oral;
- e) Transmitir informações aos alunos sobre as tendências pedagógicas brasileiras;
- f) Realização de estudos sobre planejamento de ensino;
- g) Saber o conceito de Filosofia da Educação;
- h) Estudar e conhecer o histórico dos primeiros estudiosos de Sociologia;

i) Ajudar o docente a desenvolver sua prática docente.

2. Desdobre os OBJETIVOS GERAIS abaixo relacionados em Objetivos Específicos (tantos quantos forem necessários):

- a) Desenvolver habilidade de leitura e interpretação de textos.
- b) Analisar as implicações na práxis educativa considerando as concepções tradicional, tecnicista e sociopolítica de educação.

Coloque suas respostas na Base de Dados. Atividade 10.

Exercícios Propostos 11



Disciplina: Didática Geral

Unidade: IV

Atividade 11 - Obrigatória

Estamos chegando ao final do nosso estudo. Este é o nosso último exercício, portanto, espero que você tenha aproveitado bastante.

Agora, responda o seguinte exercício:

- 1) Caracterize os critérios de seleção dos métodos de ensino.
- 2) Descreva os critérios de seleção dos conteúdos curriculares.
- 3) O que se deve entender como conteúdo de ensino?
- 4) Explique por que não pode existir um método único de ensino.
- 5) Caracterize os critérios de seleção dos métodos de ensino.
- 6) Veja o exemplo de um plano de aula, de uma aula da disciplina

Didática sobre o tema: Aula Expositiva. Agora elabore um plano de aula de qualquer área das séries iniciais do ensino fundamental.

Coloque na Base de Dados Atividade 11.



Exercícios Propostos 12

Disciplina : Didática Geral **Atividade Final – 12**

Agora chegamos ao final de nosso estudo. Este é o último trabalho e representa uma síntese de todo o conteúdo visto.

Responda as questões a seguir, colocando V para as afirmações verdadeiras e F para as afirmações falsas.

- 1.() A educação, no sentido social, é a ação pela qual a sociedade adulta transmite o seu patrimônio cultural e suas experiências, através do conjunto de conhecimentos, normas e valores, crenças, usos e costumes às gerações mais novas, garantindo sua continuidade histórica.
- 2.() A Tendência Liberal Tradicional questiona as implicações dos determinantes socioestruturais da educação.
- 3.() Na tendência Crítico-Social dos Conteúdos (Pedagogia Progressista), a metodologia do ensino enfatiza a exposição verbal e a memorização, a disciplina da mente e a formação
- 4.() O objeto de estudo da Didática é o processo de avaliação da aprendizagem.
- 5.() A ciência que investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino é a Pedagogia.
- 6.() A Didática numa abordagem tecnicista assume o processo da multidimensionalidade.
- 7.() O termo liberal, usado por Libâneo para classificar as Tendências Pedagógicas Liberais, significa avançado, democrático, aberto.
- 8.() Comenius foi o educador que sonhava elaborar um método geral de ensinar tudo a todos, em qualquer nível, especialmente a ler e escrever.
- 9.() Os níveis de planejamento educacional por ordem hierárquica, isto é, do maior para o menor são: planejamento de sistema, planejamento curricular, planejamento de ensino e planejamento escolar.
- 10.() São elementos que compõem a estrutura de um plano de aula: ementa, justificativa e objetivo geral.

11. () Analisar a importância da Didática para a formação do professor é um objetivo geral.
- 12.() Os objetivos de ensino podem ser elaborados em dois níveis: gerais e específicos.
13. () Explicar o sentido de procedimentos de ensino é um objetivo específico.
14. () São critérios de seleção dos conteúdos de ensino: Validade, Flexibilidade, Adequação e Significação.
15. () São critérios de seleção de métodos e técnicas de ensino: integração e continuidade
- 16.() Analisar as políticas nacionais e estaduais de atendimento às pessoas deficientes é um objetivo específico.
- 17.() As características de maior abrangência, formulação vaga, referem-se a objetivos específicos.
18. () Os objetivos gerais fornecem diretrizes para ação educativa como um todo; os objetivos específicos norteiam, de forma direta, o processo ensino-aprendizagem.
- 19.() O critério de seleção de conteúdo “Utilidade” está presente quando há possibilidade de fazer alterações nos conteúdos selecionados.



Sobre o autor



Eudoxio Soares Lima Verde é Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (SP); Especialista em Administração Organizacional e em Supervisão Escolar e Administração Escolar pela UFPI; Licenciado em Técnicas Comerciais pela UFBA. Foi professor adjunto da UFPI, lotado no DMTE/CCE, no período de 1978 a 2003; chefe do DMTE por 02 (dois) mandatos consecutivos; diretor do Centro de Ciências da Educação – CCE/UFPI, no período de 1997 a 2005. Na UFPI, foi ainda coordenador do Programa Especial de Treinamento – PET, do curso de Pedagogia; coordenador do curso de Pós-Graduação – Especialização em Ensino, no período de 1997 a 2007; foi professor de Técnicas Comerciais no Ensino de Primeiro Grau; Supervisor Pedagógico na área de

Formação Especial, lotado na Divisão de Supervisão Pedagógica – DSP/SEDUC (PI). Assumiu os Departamentos de Administração Geral da Secretaria de Estado do Governo, no período de 1978 a 1981, e do Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí - IAPEP, no período de 1986 a 1987. É diretor acadêmico do Instituto de Ensino Superior Múltiplo – IESM, desde 2005. Atua na UAPI, nos cursos de licenciatura e no curso de especialização em gestão escolar.

Referências



ABREU, Maria Célia de; MASETO, Marcos Tarciso; **.O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos.**São Paulo: Associados, 1990.

ALVITE, M. M. C. **Didática e psicologia:** crítica ao psicologismo na educação. São Paulo: Loyola, 1981.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

AVILA, Fernandes Bastos de. **Pequena enciclopédia de moral e civismo.** 3ª. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

BOMTEMPO, Luzia. Alunos investigadores. In: **Pedagogia de Projetos.** Belo Horizonte: AMAC, 2000, p.6.

BORDONI, Thereza Cristina. **Pedagogia de projetos passo a passo.** In: Pedagogia de Projetos. Belo Horizonte: AMAC, 2000, p.16.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília-DF, nº 248, dez.1996.

BRZEZINSKI, I. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento.** Campinas-SP: Papirus, 1996.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. Elaboração de um projeto de ensino. In: **Revista Presença Pedagógica** Editora Dimensão, 2002.

CANDAU (Org.). **A Didática em questão.** Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTRO, Amélia Domingos de. **Piaget e a didática.** São Paulo: Saraiva, 1974.

DIGIORGI, Cristiano. **Escola nova.** São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRANCO, Ângela. **Metodologia de ensino: didática**. Belo Horizonte: Lê, 1997.

FUSARI, J.C. **O planejamento não é um ritual burocrático**. Sala de aula: São Paulo, 1989

_____. O planejamento educacional e a prática dos educadores. **Revista do ANDE**, 1984. O planejamento escolar não é um ritual burocrático. Sala de aula. São Paulo, 1989.

GHIRALDELLI Júnior, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HAYDT, Regina Célia C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2006.

LAHONE, Oliveira e Martinez, In: MENOGOLLA, Maximiliano, Ilza Mateus Sant'Anna. **Por que planejar? Como planejar?** Petrópolis: Vozes, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para transformação**. Anais da III CBE. São Paulo: Loyola, 1986.

MELO, G. N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, 1982.

NERICE, Imídeo G. **Metodologia do ensino: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1977.

NOGUEIRA, Elizabeth de A. G. **Para entender didática: uma introdução à teoria e à prática docente**. Teresina: EDUFPI, 2003.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido (org). **Pedagogia, ciência da educação?** 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTACIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

RIOS, Terezinha Azevedo. **Ética e competência**. 10^a. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do príncipe e outras lições**. São Paulo: Cortez Associados, 1987.

SCHEIBE, Leda in Candau, Vera Maria. **Ensinar e aprender**: sujeitos, saberes e pesquisa. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE. Rio de Janeiro: DPGA, 2000.

SCHMITZ, Egidio Francisco. **Fundamentos da didática**. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 1993.

SILVA, Carmem Bissoli da. **Curso de pedagogia no Brasil**: história e identidade. Campinas - SP: Autores Associados, 1999.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Os (des)caminhos da escola**: traumatismos educacionais. São Paulo: Moraes, 1982.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Possíveis elementos do trabalho de projetos. In: **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e projeto Político Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 7^a. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, Ilma Alencastro Passo (org). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1991.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1988.

TURRA, Clódia Maria Godoy. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: PUC, 1975.





www.uapi.ufpi.br